

FRASES

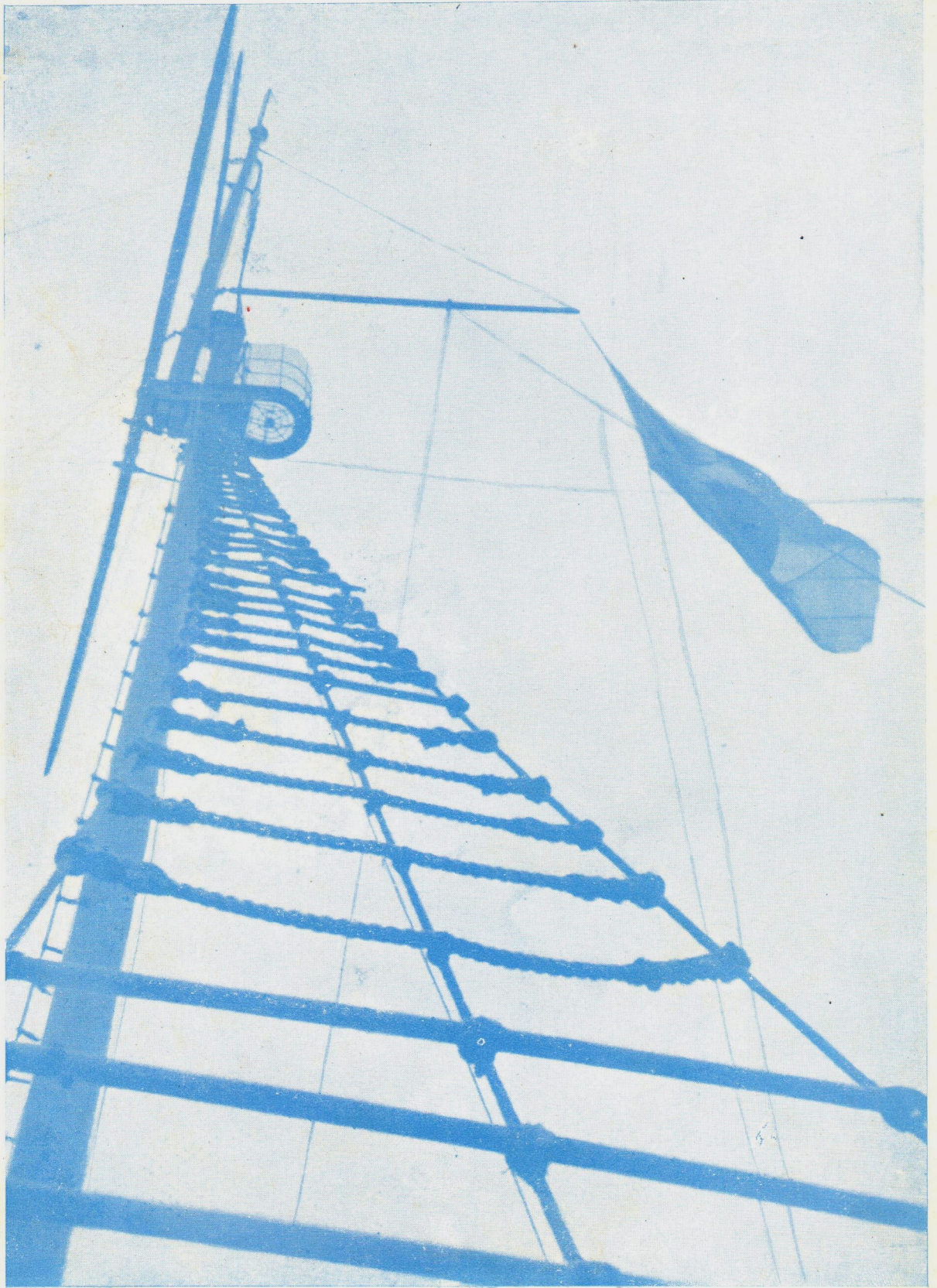
FRASES



REVISTA DOS ALUNOS
DO COLEGIO NAVAL

1963

P
359.071281
F811



ac-271490
EX-396321

FRAGATA

diretor:

eduardo de faria pereira

redator-chefe:

newton de saboia salles

fotógrafo:

ernesto marra jr.

colaborações:

carlos alberto b. de vasconcelos
geraldito luis alves de mendonça motta
victoriano ruas de b. santos
ednildo gomes de soarez
josé antonio de castro leal
roberto makiolke wolowski
nelson l. de carvalho souto
gil cordeiro dias ferreira

oficial encarregado:

ct edir rodrigues de oliveira

colaboração especial:

prof. jair natalino espidola travassos
ct edir rodrigues de oliveira



redação
Colégio Naval

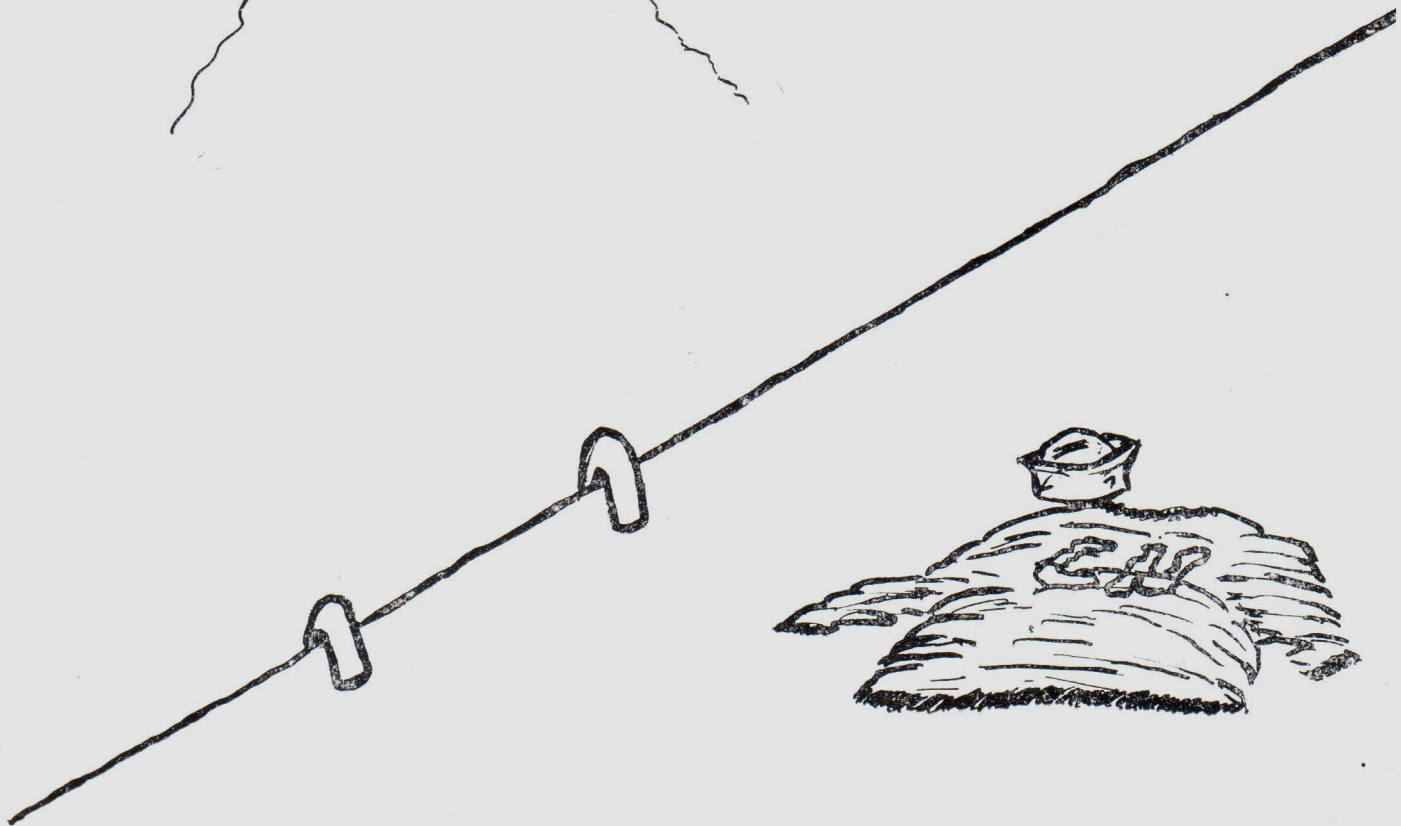
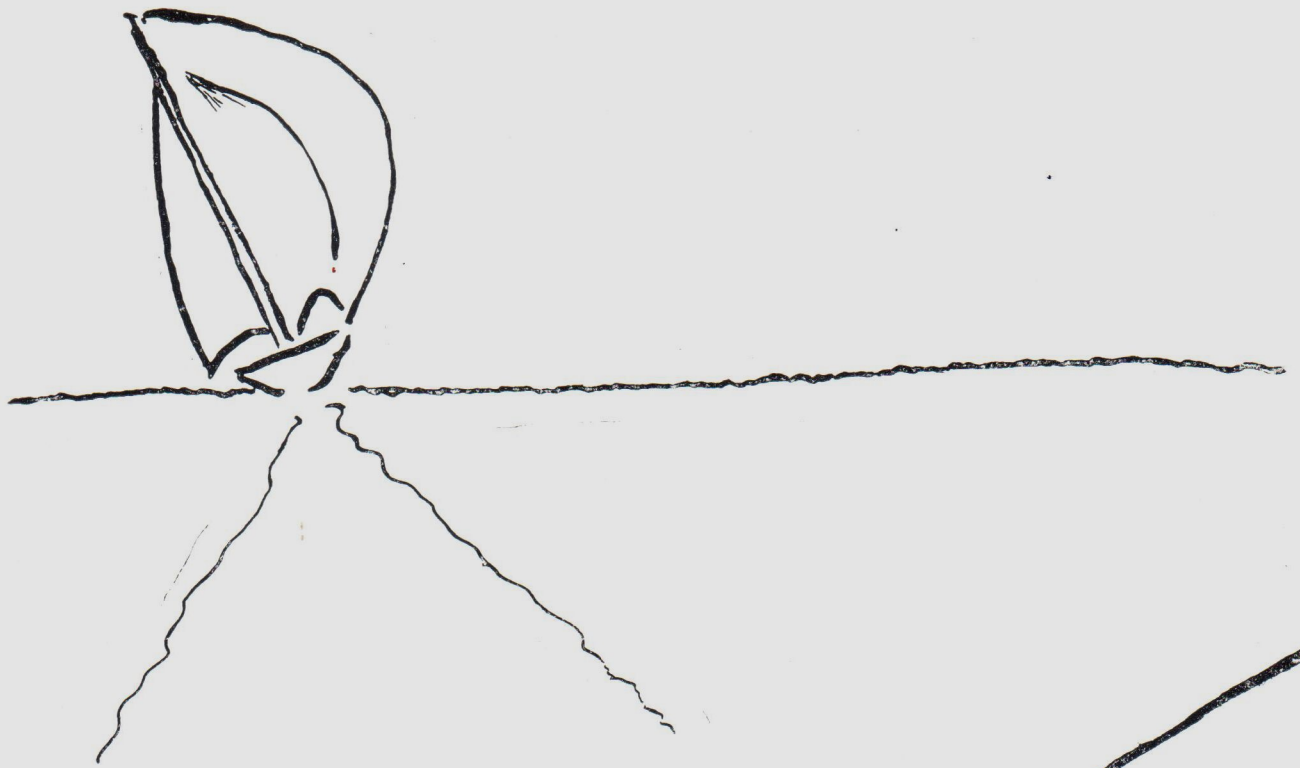
Angra dos Reis
Estado do Rio

Brasil

Solicitamos permuta com publicações congêneres
We ask exchange with similar issues

P
359.071281
F811

P
~~359.071281~~
S1156



APRESENTAÇÃO

Vai, Fragata... Enfuna tuas velas e corta ligeira as águas claras do oceano da fé, em busca dos triunfos que te darão a imortalidade...

Vai, mas não sejas tão egoísta... Leva a todos que te guarnecem, tua mensagem de perseverança... Corta as águas tranqüilas e faz com que tua esteira alva de espumas ondulantes jamais seja olvidada... Faz com ela os alicerces para a derrota a seguir, e prossegue avante, jamais olhando o que passou, por que a própria poeira invisível do ar fará com que teus olhos fiquem úmidos e lacrimosos.

O futuro te espera de braços abertos... Outras Turmas virão e deixarão em teu rastro esta mesma espuma branca inextinguível que tu mesma traçaste...

Vai, Fragata... Singra brejeira êste verde-mar em direção do azul do céu... Tua guarnição faz a tua fôrça: a esperança... A correnteza do mar, o teu destino: a eternidade...

Os locais por que passares, deixarão saudades, mas serão pátrias já descobertas... Vai em busca de outras aventuras e terás os esforços recompensados ao aportares à terra longinqua da bem-aventurança...

Diretor

A MARCHA DO TEMPO

Eduardo de Faria Pereira

Lúgubres trevas
De soturnas e tristes noites;
Solitárias e melancólicas
Estrêlas cintilantes brilham
Amarguradas almas
Decompõe-se, desagregam-se
Na essência imortal,
Infinda: Matéria...

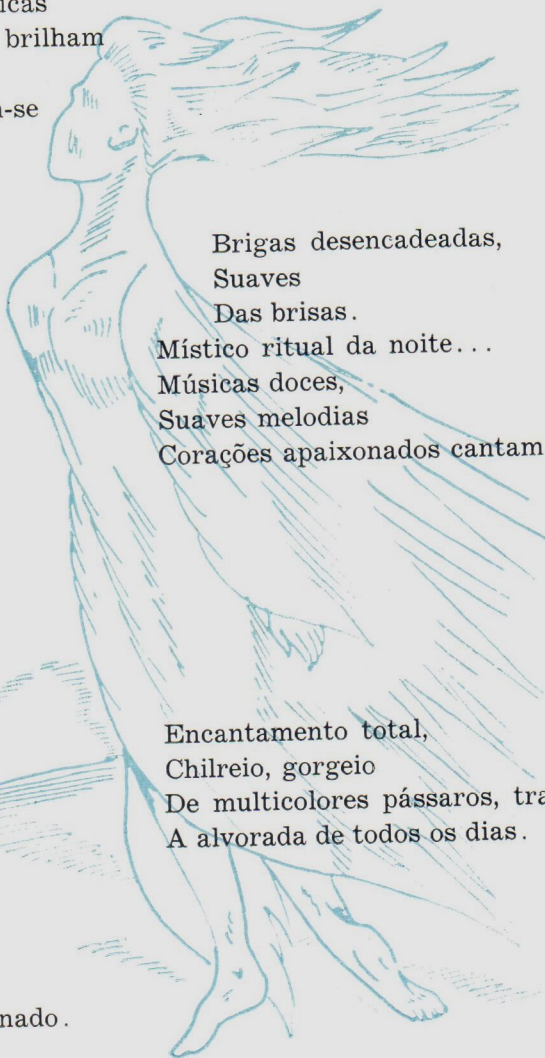
Brigas desencadeadas,
Suaves
Das brisas.
Místico ritual da noite...
Músicas doces,
Suaves melodias
Corações apaixonados cantam.

Beleza infinita,
Luar brilhante
Que cede seu lugar
Aos raios luminosos,
Penetrantes, do sol.

Encantamento total,
Chilreio, gorgueio
De multicolores pássaros, trazem
A alvorada de todos os dias.

Mesma rotina,
Sol brilhante
Céu azulado,
Tudo perfeito, concatenado.

Rotina dos dias
E noites da vida...



FLASHES DE 1963

Eduardo de Faria Pereira
Roberto Makiolke Wolowski
José Antonio de Castro Leal
Nelson Luiz de Carvalho Souto

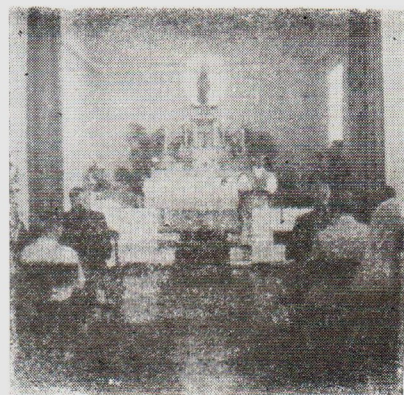
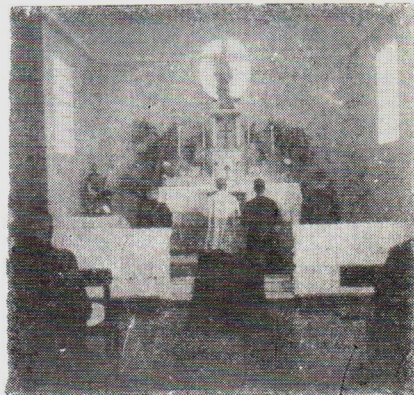
Durante o transcorrer do ano letivo, diversos acontecimentos alteraram a nossa costu-
meira rotina e fizeram com que o Corpo de Alunos se movimentasse e desse nôvo aspecto ao Co-
légio. Resumidamente aqui segue o relato desses fatos:

P Á S C O A

Como anualmente acontece, assistimos no pri-
meiro domingo de junho à Páscoa do Colégio Naval.

Neste ano contamos com a presença de Sua
Rvma. o Bispo de Barra do Piraí D. Altivo Pacheco
que foi oficiante da Santa Missa.

A Páscoa do Colégio Naval foi rezada na capela
do ginásio com a presença da oficialidade e res-
pectivas famílias, alunos e seus familiares, guarnição
civil e militar.

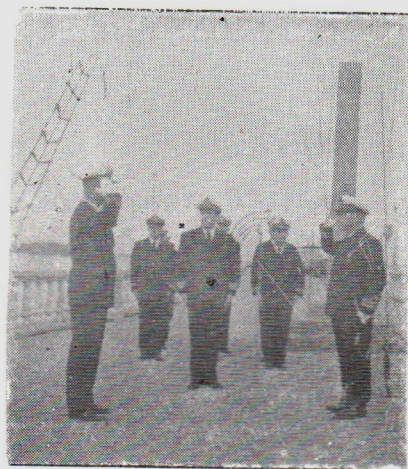


PASSAGEM DO COMANDO DO CORPO DE ALUNOS

A 17 de junho, deu-se a passagem de Comando do Corpo de Alunos, até então comandado pelo Capitão-de-Corveta Paulo Aécio Bagueira Pinto Bandeira ao Capitão-de-Corveta Bernard David Blower.



O novo Comandante dirige-se ao
Corpo de Alunos



Passagem de Comando



Desfile em Continência

Na cerimônia de passagem de comando, foi passada em revista o Corpo de Alunos, a guarnição militar e o pessoal civil que serve no Departamento de Alunos, por ambos os comandantes. Após a passagem frente ao Sr. Vice-Diretor Capitão-de-Fragata Paulo Pedro Pragana, despediu-se simbolicamente o Comte. Bandeira, pois continuaria ao nosso lado como chefe do Departamento de Ensino Colegial.

A cerimônia foi encerrada com desfile em continência ao novo Comandante do Corpo de Alunos.

Visita à Escola de Combate a Incêndio

CT. EDIR R. DE OLIVEIRA

Com o propósito de mostrar aos alunos um pouco da Marinha, programou o Departamento de Alunos, no início das férias de julho de 1963, uma visita às instalações do Centro de Adestramento «Almirante Marques de Leão» em Parada de Lucas, onde funciona a Escola de Combate a Incêndio.

O Centro de Adestramento «Almirante Marques de Leão» tem a finalidade de instruir e adestrar todo o pessoal da Esquadra nos setores de Tática Anti-Submarina, de Informações de Combate, de Contrôlo de Avarias e de Combate a Incêndio.

Foi criado em 1943, pelo Aviso 1 181 de 23 de outubro de 1943 com o nome de Centro de Instrução de Tática Anti-Submarina tendo mais tarde mudado o nome para Centro de Adestramento «Almirante Marques de Leão» pois devido às necessidades da Esquadra houve a criação de novas Escolas.

A Escola de Combate a Incêndio tem a seu cargo o curso de Manutenção de Bombas e de Combate a Incêndio para: oficiais, praças, pessoal civil e de outras corporações militares. O Curso de Combate a Incêndio é muito procurado pelo pessoal civil da Indústria e Comércio e da Marinha Mercante, que regra geral solicitam vagas para seus engenheiros, técnicos e funcionários. Nesse curso são ensinados os empregos corretos do material utilizado para combate a incêndio, e feitos exercícios reais que dão aos alunos destemor ao fogo e demonstram que com o emprêgo correto da tática e do equipamento os incêndios podem ser dominados.

Fomos recebidos pelo CT Pamplona, encarregado da Escola, que após uma breve palestra levou-nos para o pátio onde estão os tanques e os diversos petrechos para o combate ao fogo. Iniciou-se então a demonstração com a equipe de instrutores da Escola apagando um incêndio no tanque de óleo combustível usando a água como agente extintor. Nessa oportunidade os alunos puderam verificar a necessidade de seguir à risca os ensinamentos para extinguir o fogo. Foi então convidado um dos alunos para compor, juntamente com os instrutores da Escola o grupo de reparo que novamente apagaria o incêndio no tanque de óleo e depois no compartimento de máquinas, cópia do existente a bordo dos navios e construído à esquerda do pátio.

Voluntariamente o aluno Nelson passou a integrar os grupos de reparo. Em seguida foi realizado exercício de incêndio na Praça de Máquinas (simulada) prontamente apagado. Iniciaram-se então as demonstrações de combate a incêndio usando os agentes químicos: o monóxido de carbono usado em extintores e a espuma.

A demonstração foi então encerrada, deixando-nos a impressão que o Centro de Adestramento «Almirante Marques de Leão», continua sempre no seu afã de melhor aperfeiçoar-se para que possa promover o adestramento das unidades da Esquadra e para que possa trabalhar pelo Brasil.

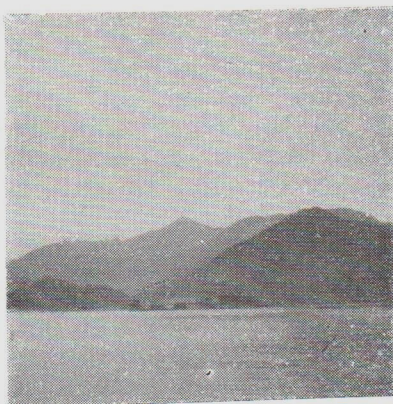
O Corpo de Alunos agradece estar certo a magnífica acolhida que tiveram por parte do Encarregado da Escola de Combate a Incêndio bem como dos demais instrutores e pode sentir o entusiasmo que estes estão possuídos pelo seu trabalho corroborando o lema do Centro de Adestramento «Almirante Marques de Leão»:

«ADESTRAR PARA VENCER».

VISITA AO ESTALEIRO DA VEROLME

Dia chuvoso de acinzentadas nuvens foi aquêlê em que com o pensamento em algo inteiramente novo para nós, partimos no «Rio das Contas» em direção à Verolme. Lá chegando, fomos divididos em turmas e, acompanhados por vários Engenheiros e altos funcionários, visitamos tôdas as dependências de um dos maiores estaleiros do Brasil. Desde as diversas obras do casco de navios, ao planejamento e mão de obra de seu interior, o que mais nos chamou a atenção foi a segurança e a eficácia com que os operários se dedicavam às suas tarefas. Fabulosas máquinas de precisão eram ali utilizadas na confecção de peças fundamentais para a montagem de mais navios para a nossa Pátria.

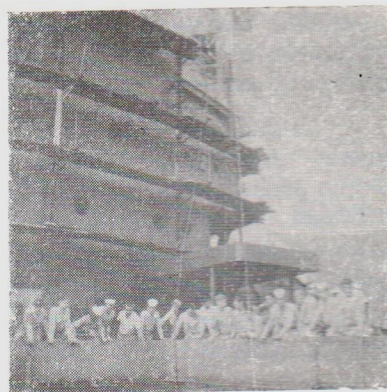
E foi com a mente voltada para um Brasil progressista, que retornamos para o «Aviso» empreendendo a viagem de regresso não sem antes visitar o clube ali localizado onde ouvimos boa música e nos divertimos até a hora da partida.



Chegada ao Estaleiro



Vista da Oficina de Máquinas



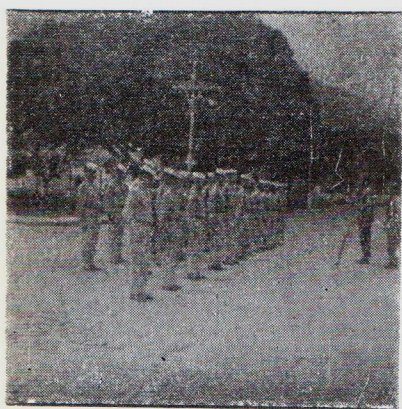
Visita a um navio em construção

Pelotão Tamandaré

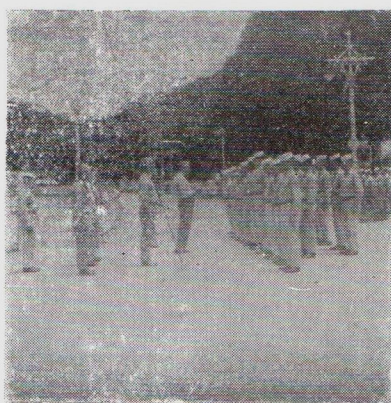
Eduardo de Faria Pereira

Pelotão Tamandaré é o prêmio dado ao pelotão que: alcançar as maiores médias do Ensino Colegial e ter essas médias superiores a 5. Pesam também o aprumo e boa apresentação de seus componentes, a ordem em formatura e as faltas cometidas pelos alunos que fazem parte do mesmo.

Este ano, infelizmente, só dois pelotões conseguiram o prêmio, ostentando por isso, o bärrete com um «E» sobreposto, de eficiência, que são os seguintes:



Apresentação do Pelotão Tamandaré



Palavras do Sr. Diretor



Entrega de bärretes

5º Pelotão Componentes:

2 003 — Meurer	2 006 — Leal	2 012 — Moss
2 018 — Miragaia	2 024 — Paulo Sergio	2 030 — Santiago
2 036 — Calábria	2 042 — Beda	2 048 — Edmundo
2 054 — Novaes	2 030 — Guimarães	2 066 — Tavares
2 072 — Juarez	1 006 — Rezende	1 012 — Addor
1 018 — Xerez	1 024 — Ernane	1 030 — Pedreira
1 036 — Guilherme	1 042 — Bela-Cruz	1 048 — Ênio
1 054 — Vaz	1 030 — Silva	1 036 — Milagres
1 072 — Vanderlei	1 078 — Vinicius	1 084 — D'Avila
1 090 — Wilton	1 096 — Otomo	

1º Pelotão Componentes:

2 001 — Ednildo	2 004 — Wolowski	2 007 — Macedo
2 013 — Prado	2 019 — Hugo	2 025 — Lúcio
2 031 — Ferreira	2 037 — Mondim	2 043 — Ademir
2 049 — Costa	2 061 — Alvarenga	2 073 — Silvio
1 001 — Gadelha	1 007 — Afonso	1 013 — Veríssimo
1 019 — Souza Melo	1 025 — Muharre	1 031 — Maurício
1 037 — Bezerra	1 043 — Wagner	1 049 — Azambuja
1 055 — Xerém	1 061 — Silcio Carlos	1 037 — Bauzer
1 073 — Marcelo	1 079 — Eurico	1 085 — José
1 091 — Massyoshi	1 097 — Souza	

PASSAGEM DA IMEDIATICE DO CORPO DE ALUNOS

No dia 11 de setembro o Capitão-Tenente Geraldo Alão de Queiroz então Imediato do Corpo de Alunos, passou estas funções ao Capitão-Tenente (FN) Roberto Pereira da Silva, que passou a exercê-las cumulativamente com o comando da 1ª Companhia.

O CT Alão, figura inesquecível para nós, foi durante todo o tempo de sua permanência no Departamento de Alunos o oficial que ouvia-nos quando de nossas dificuldades, que ouvia-nos quando de nossas aspirações.

Assim, a turma de 1963 agradece ao CT Alão todo o esforço que dispendeu por nós e augura-lhe sucesso em sua nova comissão.

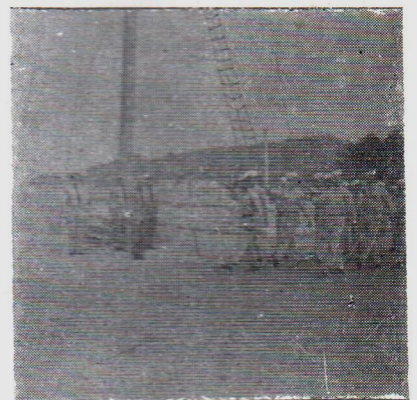
Após a passagem, quebrando a rotina militar e numa homenagem espontânea e sincera desfilou em continência ao CT Alão.



Passagem da Imediatice



O CT Alão despede-se do Corpo de Alunos



Em continência ao antigo Imediato

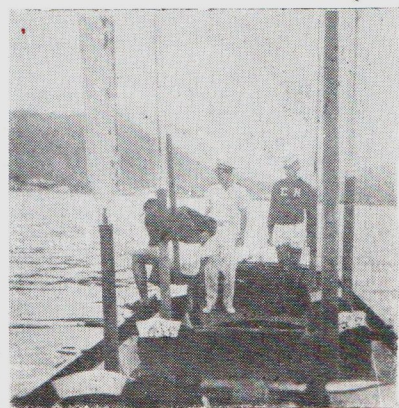
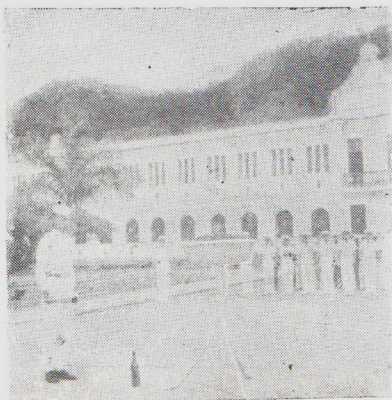
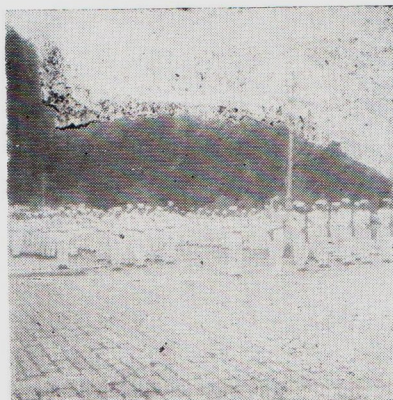
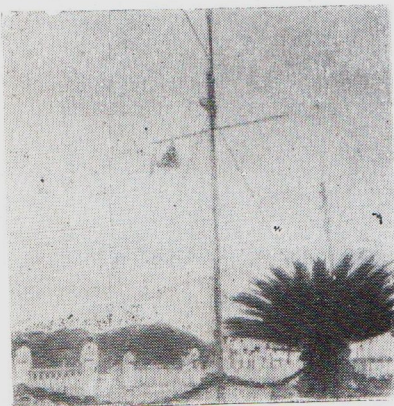
DIA DA BANDEIRA

Desenrolou-se a 19 de novembro, dia da bandeira nacional, a cerimônia comemorativa desta data, assistida por muitos dentre nós pela primeira vez.

Formados a oficialidade, Corpo de Alunos e a guarnição, foram içadas duas bandeiras, uma até o tope do mastro, outra na verga existente sob os acordes do Hino Nacional.

Dois alunos, um do segundo ano e outro do primeiro ano, procederam à incineração das bandeiras já gastas, em pira armada ante o mastro. Durante a incineração, os canhões de salva abriram fogo saudando com 21 tiros a Bandeira Nacional sendo então cantado por todos os presentes o Hino à Bandeira. O professor José França Santos proferiu na ocasião uma palestra alusiva à data.

Recolhidas as cinzas das bandeiras, foram levadas em escaler guarnecido por alunos à entrada da enseada Batista das Neves e então lançadas ao mar.



ALMÔÇO DOS 30 DIAS

Tudo aconteceu como que num piscar de olhos... Faltavam apenas trinta dias para o término do ano letivo, e da nossa vida em Angra dos Reis. Este último mês, foi aberto com chave de ouro com o «Almôço dos trinta dias», onde reuniram-se oficiais, mestres e alunos num ambiente de confraternização. O ponto alto, coube à parte dos discursos feitos pelos CC Bernard David Blower, aluno Ary, orador oficial do Grêmio pelo Prof. Dinamérico Pombo.



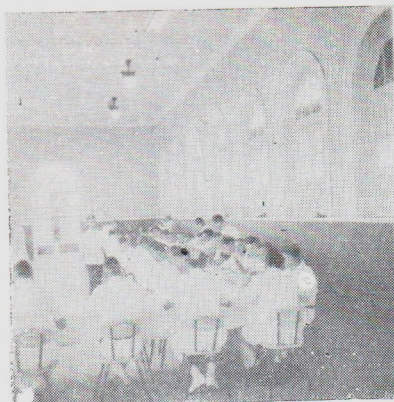
Fala do prof. Dinamérico ao lado do Sr. Vice-Diretor



Fala o CC Blower



Nôvo flagrante do almôço



Flagrante do almôço

PASSAGEM DA “CANA DO LEME”

No dia 20 de novembro, realizou-se a passagem da “Cana do Leme», que significa a entrega simbólica à turma do 1º ano dos destinos do Corpo de Alunos. Presidida pelo Comandante do Corpo de Alunos e com a presença da oficialidade o aluno Ednildo passou ao aluno 1 001 Gadelha a Cana do Leme símbolo do comando. Em seguida os Ajudantes de Companhias e Comandantes de pelotões passaram os seus comandos aos alunos mais antigos do 1º ano, tendo em seguida o Comandante do Corpo de alunos desligado o 2º ano do Batalhão Escolar.

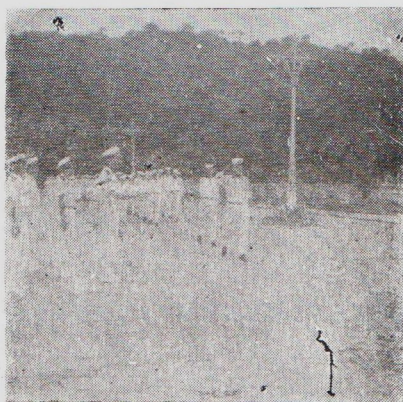
Já sob o comando da turma do 1º ano houve então o desfile em continência, encerrando a cerimônia.



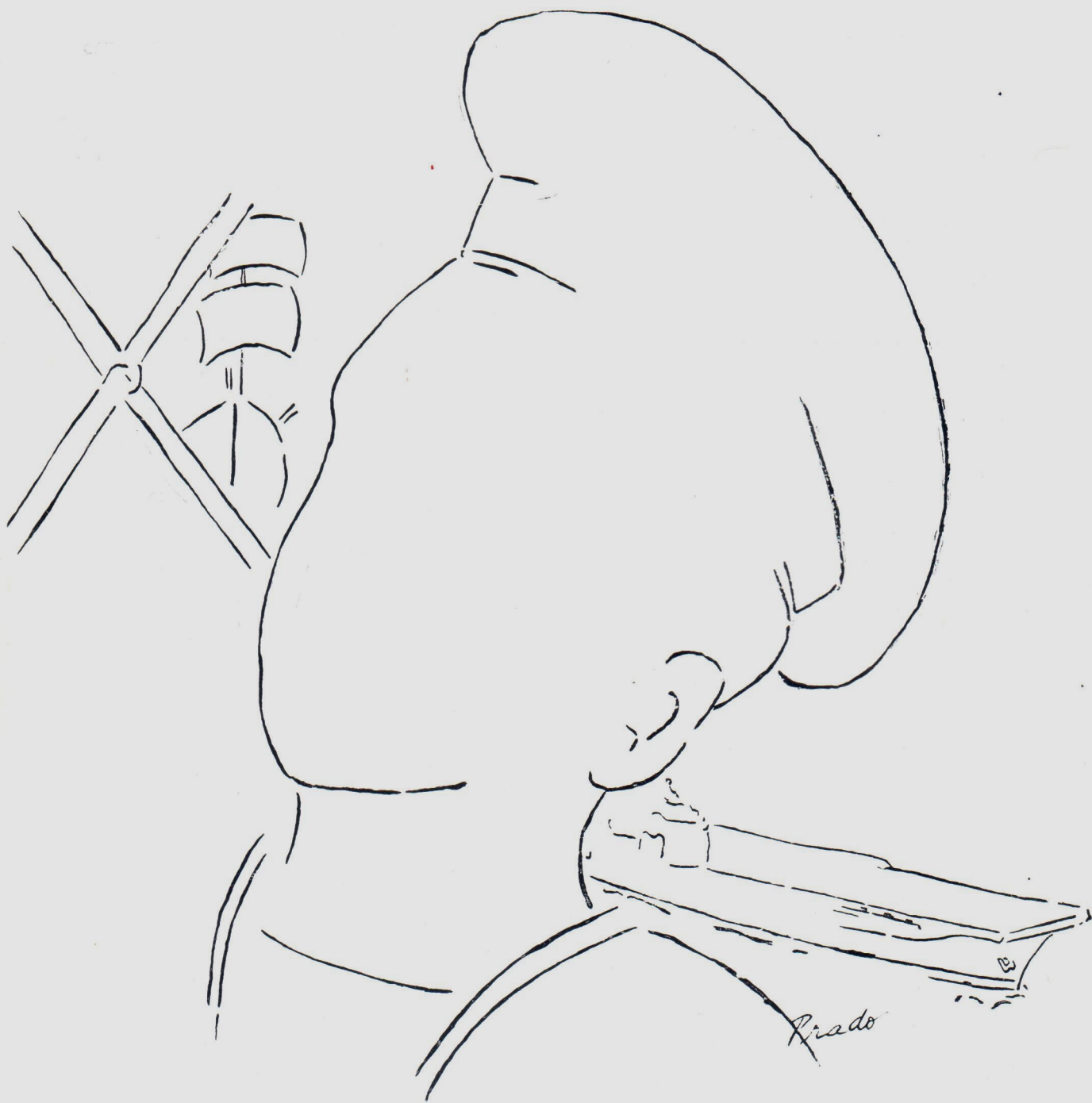
Passagem da «Cana do Leme»



«Passa o Comando»
«Recebe o Comando»



Desfile em Continência



RIACHUELO

EXTRATO DO DISCURSO DO PROF. JAIR TRAVASSOS

Há 98 anos feriu-se a grande batalha naval de Riachuelo. Noventa e oito anos, portanto, se escoam após a grande pugna que erigiu êsse soberbo monumento de glória a marinha nacional e cada vez mais vivo se nos apresenta êsse quadro genial, traçado pela nau gloriosa do imortal Alnte. Barroso, comandante-em-chefe dêsse punhado de bravos, qual dêles o mais herói, os quais num lance dolorosamente histórico, redimiram a pátria com seu sangue, salvando o Brasil com seu denôdo e a sua abnegação.

Era um domingo da Santíssima Trindade e estava a divisão de Barroso ancorada numa curva do rio Paraná na confluência do Riachuelo. Compunha-se ela da Belmonte, Araguari, Amazonas, Mearim, Beberibe, Ipiranga, Jequitinhonha, Parnaíba e Iguatemi, içada a insígnia de Barroso a Amazonas. Parte das guarnições, em terra servindo de aguada e lenha. A outra, em repouso, descuidosa e calma.

O inimigo, com perfeito serviço de fiscalização teve conhecimento, e lançando mão da sua arma predileta, a surpêsa, pensou descer rio abaixo e atacar inesperadamente a esquadra brasileira.

O ponto era propício, pois nêsse local, com dificuldade os nossos navios poderiam manobrar. Um desarranjo, porém, em um navio paraguaio retardou a descida e êles que pretendiam envolver os nossos pela calada da noite, vieram à vista já pela manhã, dia claro.

Dado o alarma, rufam tambores, tocam cornetas, trilam os apitos, e cada qual em seu pôsto, cumpre o sinal já içado na Amazonas: — “Preparar para o combate”. Alguns práticos ainda em terra, bem como parte das guarnições.

A favor da correnteza, o inimigo desce com grande velocidade e a nossa tropa espera apenas a ordem de fôgo.

Era a esquadra paraguaia composta de 8 navios e mais 6 chatas, tôdas bem artilhadas e guarnecidas.

Gente forte e adestrada especialmente destinada à abordagem, considerada por isso invencível.

O velho Alnte. Barroso, num ápice, sentiu a dificuldade com que lutaria no local para manobrar, e, resoluto, resolve ir ao encontro do inimigo que desfraldando no seu navio o sinal: — “Bater o inimigo que estiver mais próximo”.

E Barroso, firme, sôbre o passadiço, barbas, ondeando ao sôpro da viração, dirigia, como se fôra uma estátua colada no lugar do exemplo e da ação, a peleja que havia de assinalar a derrota completa dos paraguaios e a glória imorredoura da nossa Marinha de Guerra.

Trava-se a luta contra um inimigo feroz e aguerrido, forte e fanatizado.

A batalha nos era desfavorável. O velho Barroso via a sua esquadra atacada pelo inimigo que superior em número, era ainda protegido pela artilharia da barranca. Alguns navios nossos já inutilizados e abordados pelo inimigo! A maruja brasileira heróica e denodada, tombava dizimada, salpicando com seu sangue nobre e bom a bandeira que já começava a ser batida dos respectivos penóis. Barroso via tudo, e sentia a infelicidade do momento e o desastre do Brasil.

Via Barroso a Parnaíba em mãos paraguaias, com Greenhalgh tombado no pôsto de honra, o bravo Pedro Afonso com um braço decepado e Marcílio Dias com a adriça da bandeira, lutando com 4 paraguaios armados a machadinhas. Êle via tudo, e além de tudo a honra nacional em perigo.

Concebe de repente um plano e no augue do desespero, ordena que seja içado o sinal: — "O Brasil espera que cada um cumpra com seu dever".

Aliando a concepção à ação, e apêlo ao exemplo, como um louco, parte sôbre um navio paraguaio, e fazendo da proa da Amazonas, terrível arriete, corta ao meio um navio paraguaio. Parte sôbre o segundo e racha-o de meio a meio, fazendo sossobrar. Parte sôbre o terceiro e a proa fantasma como uma faca que colasse de jato em um coração, faz submergir o terceiro e depois o quarto, pondo em debandada o resto da esquadra inimiga, que ainda foi perseguida pelos nossos. Estava ganha a vitória e sôbre os cadáveres os destroços, a fumaça, e os gritos de vitória, flutuava gloriosa e bela, luminosa e verde, a grande e sagrada bandeira do Brasil.

Grande foi o numero de heróis dêsse prêlio memorável. Quero citar-vos os nomes dos vultos, precisamente porque representam os extremos na hierarquia militar: O Almte. Francisco Manuel Barroso e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias.

Citando-os, quero dizer-vos, nobres alunos, que o cumprimento do dever é a força inquebrantável que iguala os homens nos umbrais da história.

Ela assinala o feito e galardeia o mérito, irmanando sem hierarquia os heróis.

Pois bem, nessa luta a nossa marinha traçou, da humilde gola do marinheiro aos fascinantes bordas do almirante, a trajetória mais brilhante da nossa história naval. Nem sabemos qual dêles o mais herói: Se o almirante Barroso ou o marinheiro Marcílio Dias.

Êles representam a nossa marinha, sintetizam a alma nacional nêsse período sangrento do Brasil.

Um, o Almte. Barroso, era a cabeça que pensava; o outro, Marcílio Dias, o braço que executava.

A nossa marinha estava aí representada do primeiro ao último grau; do marinheiro ao almirante, do arrojo, da ousadia, do pensamento à loucura, à coragem, à ação...

Um, o Almte. Barroso, era a ordem; o outro, Marcílio Dias, era o dever. E dêste conjunto de energias da compreensão nítida do dever, do patriotismo nunca desmentido do brasileiro, surgiu esta estupenda vitória, de nada valendo ao inimigo, a força superior em número, o ser aguerrido, o estar na própria casa.

Nessa luta de gigantes, foi que a nossa gloriosa marinha desenhou o quadro empolgante e assombroso da vitória do direito contra a fôrça.

Eis aí, nobres alunos, o feito que comemoramos no dia 11 de junho. Deixar vos dedique as últimas palavras, desta palestra cívica.

Já não vos pertenceis mais. Tendes hoje se nhor — o Dever. E o dever não deve ser, para o homem de brio, o efeito do mêdo, mas a conseqüência da educação.

Ê preciso que tenhais consciência plena dêle, que saibais que êle, é a base da grande família brasileira, que é êle o único meio de chegarmos à civilização completa e à felicidade perfeita.

Precisais ser o aspirante que se recomenda pela ordem e se impõe pela disciplina.

Precisais ser o aspirante que se compenetra, que se aprimora, que se identifica com os seus deveres e com sua nobre missão até a convicção férrea.

Da nobreza do vosso caráter, da inteireza do vosso proceder, ressaltará aos olhos do nosso mundo que nos observa, o grau da nossa civilização e o valor da nossa raça das quais sois os legítimos representantes onde quer que flutue o pavilhão brasileiro. E, nos momentos de festa ou de dor, nos dias de desastres ou de desgraças de quaisquer países onde vos achardes em nome do Brasil, sede valentes até a loucura, entusiastas até a temeridade; ousados até o arrôjo, honestos até a privação; moralizados até o comedimento; leais até a morte.

Deveis ser o marinheiro que na paz, na guerra, na dor, na alegria, nos tempos comuns ou nos momentos dolorosamente históricos, se compenetra das suas responsabilidades e é cioso do nome de brasileiro digno e altivo.

Lembrai-vos sempre de Greenhalgh, honra e glória da vossa classe.

Segui os seus exemplos e não esqueçais a sua fisionomia que deve estar impressa nos vossos corações.

No seu olhar sereno e altivo está o tic-tac eterno, continuo, incessante, da vossa existência. Nesse mesmo olhar nobre e firme está eternamente gravada tôda a epopéia do Paraguai. Êle lembra êsse passado glorioso que ilumina o futuro brilhante que vos aguarda; êle acalenta a esperança que vos anima; êle recorda, êle diz na imobilidade da tela que soube cumprir a célebre frase do bravo almirante Barroso: "O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever".



O Que é o Grêmio

Qualquer pessoa que percorra o pátio externo numa das horas diárias de recreação, não deixará de notar uma construção moderna cujas grandes janelas de vidro deixam transparecer a alegria e o ambiente aconchegante de que desfrutam os que ali se encontram.

Tal é o Grêmio dos Alunos do Colégio Naval, onde aproveitamos as nossas horas de lazer ouvindo boa música, lendo jornais ou revistas, enfim, fazendo a higiene mental tão necessária aos estudos.

A direção do Grêmio compete aos alunos que para isso são eleitos anualmente. Assim são preenchidos os cargos de diretores de departamentos, que escolhem seus auxiliares, os encarregados de seções. Todos são supervisionados pelo presidente (o comandante-aluno) e pelo vice-presidente (o ajudante-aluno). A orientação dessa equipe cabe ao oficial-orientador do Grêmio, o qual, mediante reuniões da diretoria, encaminha cada departamento de acordo com o calendário escolar anual, sem afetar os estudos e demais atividades curriculares. É, então, a esse oficial e a essa equipe que cabe levar avante todo o planejamento da nossa vida social, recreativa, cultural e, em parte, desportiva.

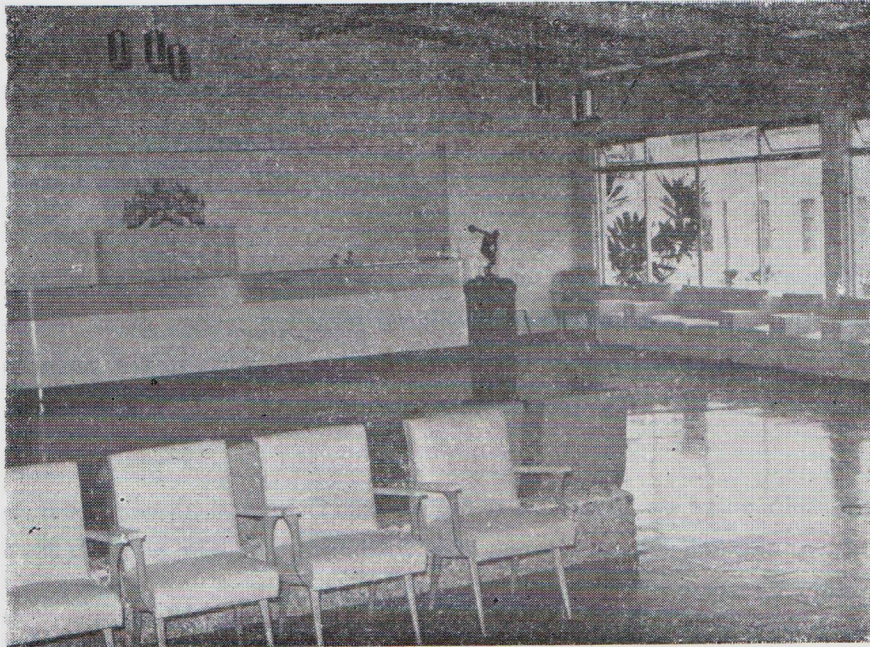
Subordinado à administração do Grêmio acha-se, também, o Salão de Recreio, o qual, além de ser o refúgio dos que praticam a sinuca, o bilhar, o pingue-pongue e mesmo o xadrez, é, ainda, palco das disputas dos jogos de salão do tão conhecido "Trofeu Eficiência".

Ao se falar do Grêmio associa-se logo o toque de "Recreação". Quando este soa, há uma debandada geral em direção ao Grêmio e ao Salão de Recreio. O tempo ali passa agradavelmente: no Grêmio, é clássica pose de descanso numa poltrona confortável, onde o aluno, entre o «Papo» e a «coca-cola», ouve músicas de todos os ritmos.

No salão de Recreio, o tempo às vezes deixa por concluir uma partida de sinuca mais demorada ou de pingue-pongue, na qual a "piruação" vai a quinze ou mais alunos.

Nem todos, porém, estão felizes no meio de toda essa agitação. É o que acontece com o plantão, cuja faina — manter tudo limpo e em ordem — só termina com o toque de "Volta à recreação", sempre ouvido na melhor hora de uma partida ou, então, quando encontramos justamente algo de interessante numa revista. É o momento do suplício para o plantão que, de mau humor, se põe a expulsar todos dos locais de recreação à voz de «Já tocou volta...», acompanhada do tão conhecido "Vai fechar!" Pior, só mesmo a "Alvorada"!

Esse é o Grêmio diário, o Grêmio de todos. Enretanto, existe ainda o outro lado: as fainas que antecedem as festas no Colégio, as "viradas para a elaboração do *Gingilim* antes dos licenciamentos, o ensaio do conjunto que tantas festas animou, este ano, mesmo em Angra dos Reis; isto, sem falar em tantos outros afazeres. É esse o lado que quase nunca aparece: o das atividades dos Departamentos do Grêmio.



A nossa turma quer aqui deixar consignado um agradecimento ao CT Edir Rodrigues de Oliveira pelo seu espírito de trabalho, interêsse, e compreensão que é aquilo que mais aproxima o subordinado de seu superior. E isso êle conquistou, em clima de amizade, nas aulas, nos "bate-papos", nos intervalos de estudo e como encarregado de esportes.

Em particular, tem o CT Edir o reconhecimento da Diretoria dêste ano da qual foi oficial-orientador, sentimento êsse espontâneo, face à boa vontade e dedicação especial para conosco. Sem êle, jamais chegaríamos ao que conseguimos em um ano condensado e, por isso mesmo difícil. Ê a êste oficial que devemos o bom andamento dos Departamentos do Grêmio, e o êxito das festas por nós realizadas em Angra dos Reis.

Ê com um «Obrigado, Ten. Edir» que passamos à nova diretoria a continuação de nosso trabalho de 1963, que, se brilhante não foi, tudo mereceu de nós para que assim fôsse.



«Um Tipo Inesquecível»

Eduardo de Faria Pereira

Uma homenagem simples como essa, jamais poderia chegar ao ápice desejado... Não é apenas o orgulho de uma turma que reclama uma lembrança grata deste Colégio Naval; é também, um agradecimento espontâneo a alguém que tudo fez para que, seguindo uma trajetória reta, sem tropêços, pudéssemos chegar ao fim da trilha cômicos do dever cumprido.

O bom exemplo entre os jovens, é o maior benefício que alguém pode prestar à sua Pátria. Entretanto, não foi somente a conduta brilhante que fez o CT (FN) Geraldo de Abreu Pinheiro figurar aqui, nesta página, com o nosso TIPO INESQUECÍVEL. Foi também o seu empenho em melhorar as nossas condições de vida aqui, longe do nosso lar. Foi a compreensão que ele sempre mostrou, fazendo com isso, surgirem os laços desintrelaçáveis de uma amizade pura e duradoura.

Sondando palmo a palmo a nossa mente fatigada pelos tão árdios estudos, ele sempre encontrou soluções satisfatórias para os nossos maiores problemas, mesmo quando os julgávamos insolúveis.

— «TEM ALGUÉM CANSADO?...» — perguntava durante as “Ordens Unidas” a que respondíamos com um — “NÃÃÃÃO...” — que era a nossa válvula de escape (contra o cansaço), às vezes era o — “Está caindo do fuzil?...” — que fazia-nos esquecer por momentos a estafa das caminhadas.

Não conseguimos, entretanto, retratar fielmente tudo o que desejamos; é então, que notamos quão árdua é a tarefa de transmitir para o papel o que realmente sentimos e quão pobre torna-se o idioma para que possamos definir os nossos pensamentos.

E assim é, Ten. Pinheiro, que o senhor transformou-se num Tipo Inesquecível para nós... Esta, sim, é a história de uma amizade, de uma reminiscência que nos acompanhará para sempre, qualquer que seja o rumo por nós tomado em direção a um futuro, futuro êsse, esculpido sobre bases que o senhor tão bem nos ajudou a cinzelar...



Um dia no Colégio Naval

Tudo paz! Tudo tranqüilidade!

«Velas arriadas, ancorado em meio à paz e ao silêncio da noite, repousa o Velho Barco».

Raia a madrugada.

Dardeja ao sol por sôbre a Ilha Francisca. Aos poucos vai a luz definindo as formas e contornos do C.N.

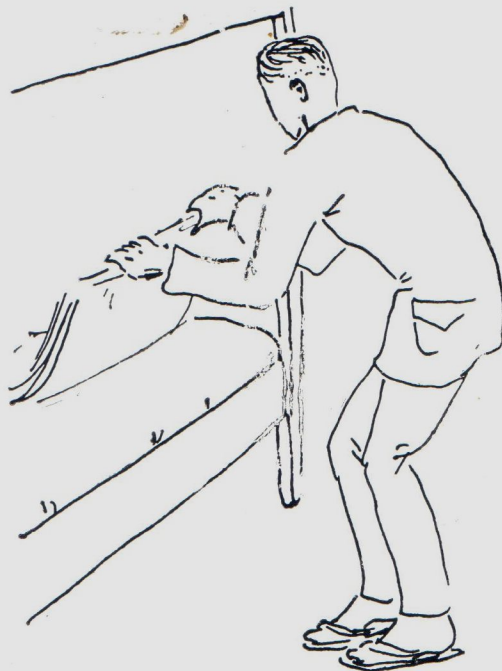
Trina a campainha. Os acórdes do toque de alvorada ecoam no espaço.

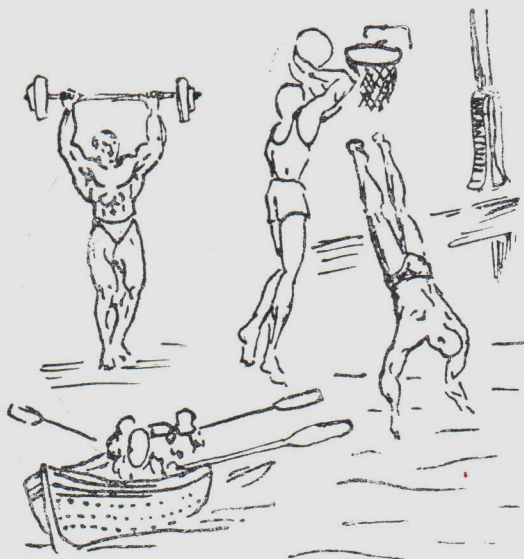
Ê o despertar!

Tudo se agita; nos alojamentos, acordam os alunos; nas salas e pátios, labutam os funcionários na faina de limpeza do Colégio.

“Agora, já velas içadas, safas as primeiras manobras, segue nosso Barco a rota que nos levará a concretização de nossos ideais”.

Estamos no rancho: borborinho alegre domina o refeitório. Brincadeiras, primeiras piadas, algum lance para o “Gingilim”, esperança de receber carta da garôta hoje, são os assuntos mais comuns, comentados em cada mesa.





Após o rancho, vêm as aulas.

Levantai-vos! Tem início a primeira aula. O professor, risonho e amigável, ausente dos problemas que porventura possa ter, ministra os assuntos científicos necessários à carreira, do futuro oficial. Durante toda a manhã são dadas aulas de ensino colegial ou ensino militar-naval.

Terminadas as aulas segue-se o almoço. Após, vem a recreação.

No Grêmio ou no Salão de Recreio, lendo uma última revista ou jogando uma partida de sinuca, entrecortada por um bate-papo camarada, encontram-se momentos de lazer e a paz necessária ao refortalecimento do espírito.

Toque de parada, entretanto. Deixa-se em meio a partida de sinuca, abandona-se a revista que se lê e atende-se prontamente o toque de reunir. Passada inspeção no Corpo de Alunos pelos comandantes de companhia, desfila-se, após, em continência à direita.

A tarde é completa pelos exercícios de cultura física, e à noite o estudo é obrigatório. É o estudo a última parte da rotina a ser cumprida a bordo. Fim dos afazeres!

Silêncio! Notas de melancolia e tristeza invadem o coração de todos. Mergulha novamente nas trevas o "Velho Barco". Lançam-se os ferros entre as ondas do mar de nossos ideais.

É o fim de "Um dia no Colégio Naval".



Troféu Eficiência

Reportagens de:

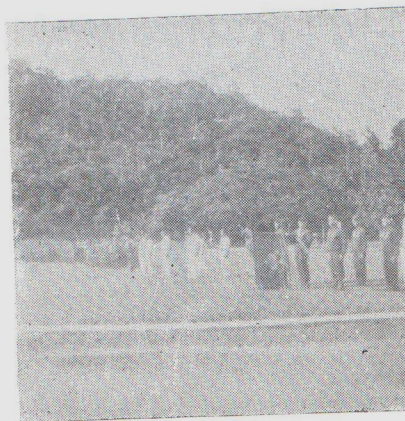
Newton Saboia Salles

Geraldo Luiz Mendonça Motta

Sob o lema "O importante é competir e não vencer" disputa-se anualmente no Colégio Naval o Troféu Eficiência. Digna-se de receber êsse troféu a companhia que mais se destacar nas diversas atividades esportivas.



Aluno Tratch recebe das mãos do Sr. Diretor o cobiçado troféu a que a 2ª Cia. fez jus



Cerimônia da abertura do Troféu Eficiência

FUTEBOL DE SALÃO

Confirmando o seu favoritismo a equipe da 1ª Cia. levantou com grande júbilo o torneio vencendo por 4x3 e 4x2, 1ª e 2ª Cias. respectivamente.

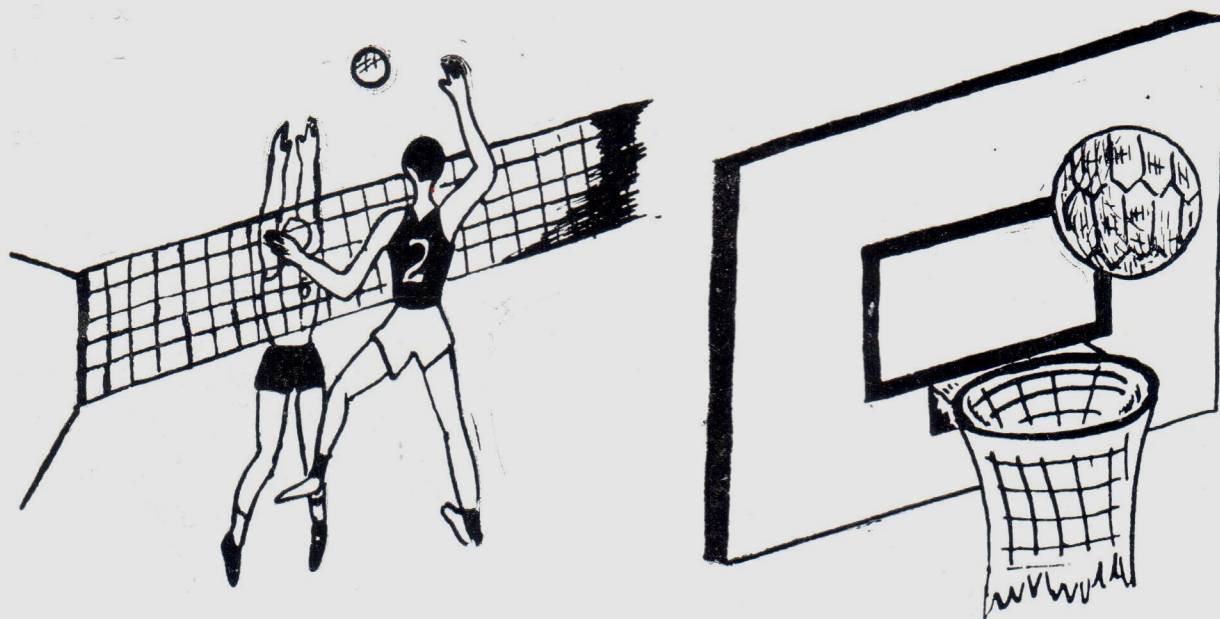
Equipe: Mendonça, Silvio, Cyrino, Macedo, Eduardo, Hélio, Almeida, Josemar, Ednildo e Faria.



BASQUETEBOL

Possuindo em sua equipe quatro titulares da equipe do Colégio não teve a 2ª Cia. dificuldades em vencer as demais.

Equipe: Malgueiro, Otavio, Cambiaghi, Destri, Wellington, Nelson.



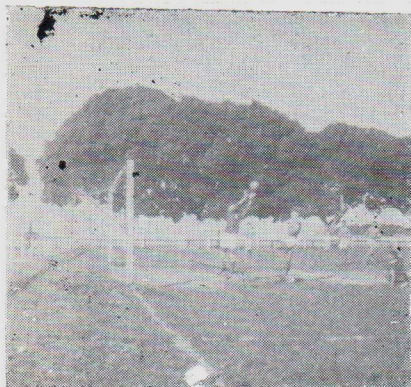
VOLIBOL

Para surpresa de muitos a 1ª Cia. demonstrando grande espírito de luta, derrotou seus dois adversários.

Equipe: Leite, Lúcio, Ednildo, Luiz, Antônio, Eduardo, Marcelo, Loncan, Veríssimo, Marcélio e Ferreira.

FUTEBOL

Foi das mais renhidas a disputa do campeonato de futebol, saindo-se vencedora a equipe da 2ª Cia.



Equipe:

Branco, Sabóia, Rubimar,
Toffano, Machado, Destri,
Nelson, Matos, Mígues,
Gallo, Benício, Silveira e
Marco Antônio.

Resultados:

2ª Cia. 2 x 0 1ª Cia.
2ª Cia. 1 x 1 3ª Cia.
1ª Cia. 6 x 2 3ª Cia.



NATAÇÃO

A piscina armada na ponte do Colégio serviu de palco para as disputas do campeonato de natação.

Campeã: 2ª Cia 107 pontos

Vice: 1ª Cia 73 pontos

a) 400m nado livre

1º) Gilberto 3ª Cia 6m e 18,8s

2º) Santos 2ª Cia 6m e 30,5s

3º) Chagas 2ª Cia

b) 100m nado de costas

1º) Alexandre 1ª Cia 1m e 27,3s

2º) Guedes 2ª Cia 1m e 36,6s

3º) Beda 3ª Cia

c) 3 x 100m (3 estilos)

1º) 2ª Cia Chagas, Santos e Paulo 4m e 24,1s

2º) 1ª Cia

d) 100m nado livre

1º) Alexandre 1ª Cia 1m e 8,8s

2º) Chagas 2ª Cia 1m e 9,2s

3º) Gilberto 3ª Cia 1m e 10,1s

e) 200m nado peito clássico

1º) Paulo 2ª Cia 3m e 28,7s

2º) Alcides 2ª Cia 3m e 40,4s

3º) Crotman 1ª Cia 4m e 10,2s

f) 4 x 100m nado livre

1º) 2ª Cia Guedes, Alcides, Santos, Chagas
5m e 6,9s

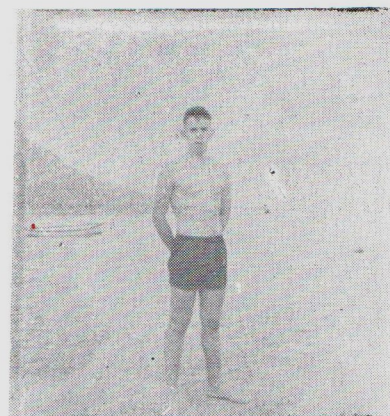
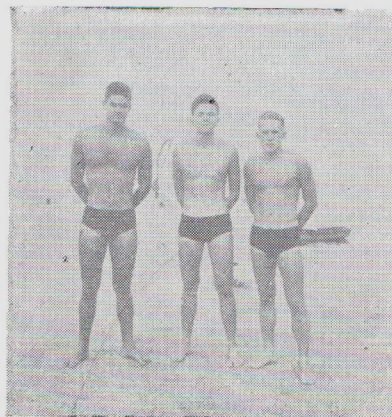
2º) 1ª Cia

g) rústica natatória (1600m, mar aberto)

1º) Gilberto 3ª Cia 23m e 35s (record)

2º) Chagas 2ª Cia 24m

3º) Santos 2ª Cia



Deve-se ressaltar o grande empenho dos alunos Gilberto e Chagas que estabeleceram novos record para o percurso.

REMO

Com 3 disputas de remo, o troféu eficiência teve seu andamento normal apesar das dificuldades praticamente insolúveis no que concerne às raias.

Os resultados foram os seguintes:

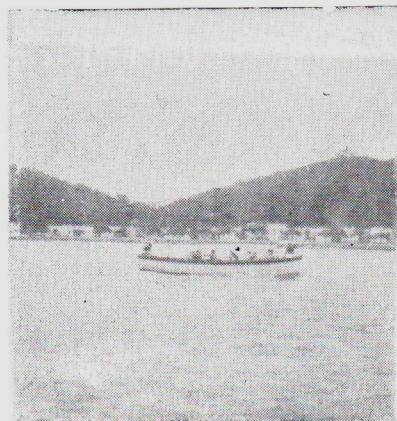
a) escaler: 1º) 2ª Cia

Guarnição: Malgueiro, Azevedo, Machado, Charnaux, Paulo, Castro, Sabóia, Guedes, Albernaz, Nelson, Fontoura, Ruas.

2º) 3ª Cia

b) canadense:

As duas disputas tiveram como vencedores as duplas formadas por Beda e Tavares (3ª Cia) no percurso feito com bóias a montar e Prado e Wolowski (1ª Cia). No percurso reto. Esse segundo resultado não foi homologado em virtude dos protestos da 2ª Cia e da impossibilidade da realização de novas disputas.



VELA

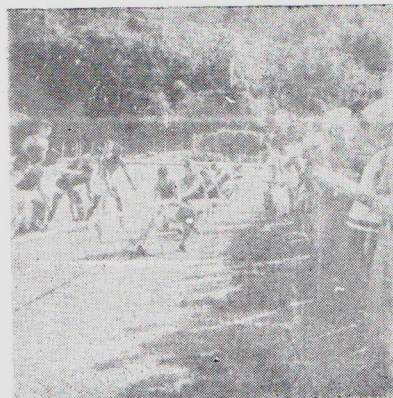
A regata de Snipes estêve duas vêzes para ser realizada, mas o mau tempo em ambos os dias impediu sua realização. Os flagrantes abaixo são das tentativas prestadas e da chegada da comissão fiscal da regata, surpreendida pela chuva.



CABO DE GUERRA

Esta animadíssima disputa teve surpreendente resultado ao acusar a vitória da 1ª Cia.

Equipe: Wolowski, Ademir, Mondin, Costa, Gadelha, Lassance, Prado, Marcélio, Ferreira, Vagner, Correia, Lúcio, Eduardo e Silvio Carlos como animador.



LANCE LIVRE

Com os cinco melhores arremessadores de cada companhia, foi realizado o torneio de lance livre que se apresentava a princípio como dos mais disputados.

TIRO AO ALVO

Esporte pouco praticado no Colégio, tiro nos apresentou boas disputas apesar do pouco treino dos concorrentes.

Vencedora: 2ª Cia 161 pontos

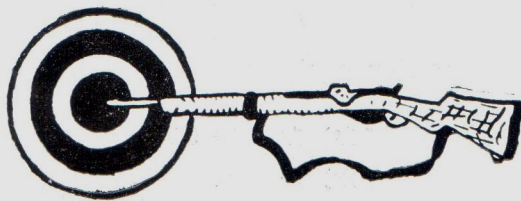
2ª) 3ª Cia 77 pontos

Individualmente o resultado foi o seguinte:

1ª) Amaral 2ª Cia

2ª) Wellington 2ª Cia

3ª) Nelson 2ª Cia.



TÊNIS

Estêve o esporte branco um pouco esquecido êste ano. Mas isto não impediu a realização de bons jogos.

- Campeã: 2ª Cia
Simples: 1º Castro (2ª Cia)
 2º Eduardo (1ª Cia)
Duplas: 1º Castro e Guedes (2ª Cia)
 2º Drusedau e Tavares (3ª Cia)



RÚSTICA TERRESTRE

Com um acentuado número de participantes, foi realizada a rústica terrestre num percurso de 2500m.

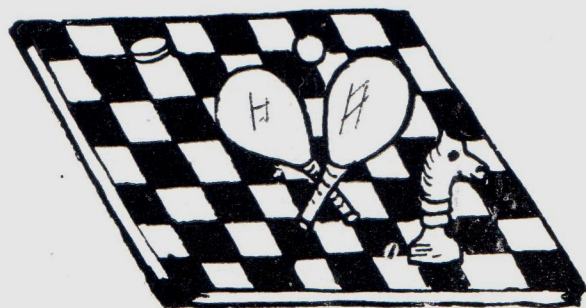
- 1º Antonio (3ª Cia) 10m e 0,1s
2º Malgueiro (2ª Cia) 10m e 0,3s
3º Ferreira (1ª Cia) 10m e 0,4s
4º Cyrino (1ª Cia)
5º Wolowski (1ª Cia).

Por equipes:

- 1º 1ª e 3ª Cias
2º 2ª Cia.



JOGOS DE SALÃO



- 1) **Sinuca:**
 - a) simples: 1º Silvio 1ª Cia
2º Guimarães 3ª Cia
 - b) duplas: 1º Silvio e Eduardo
2º Guimarães 1ª Cia e Pedreira 3ª Cia
- 2) **Bilhar:**
 - a) simples: 1º Moss 3ª Cia
2º Castro 2ª Cia
 - b) duplas: 1º Moss e Tavares 3ª Cia
2º Mondin e Eduardo 1ª Cia.
- 3) **Dama:**
 - 1º Lúcio 1ª Cia
 - 2º Guimarães 3ª Cia
- 4) **Xadrez:**
 - 1º Guimarães 3ª Cia
 - 2º Azevedo 2ª Cia
- 5) **Tênis de Mesa:**
 - a) simples: 1º Castro 2ª Cia
2º Aché 1ª Cia
 - b) duplas: 1º Castro e Miguens 2ª Cia
2º Aché e Eduardo 1ª Cia.

No cômputo geral venceu a 3ª Cia seguida da primeira.

POLO AQUÁTICO

De antemão sabia-se que o campeonato seria decidido entre as 2ª e 3ª Cias.

Num jogo bem disputado a equipe da 3ª levou a vitória vencendo a 2ª por 5 x 4.

Resultados: 2ª Cia 11 x 1 1ª Cia
3ª Cia 5 x 4 2ª Cia
3ª Cia 12 x 2 1ª Cia

Equipe campeã: Tavares, Miragaia, Beda, Gilberto, Meurer, Kenski, Faria Pereira, Cutrim, Stoll e Antônio.

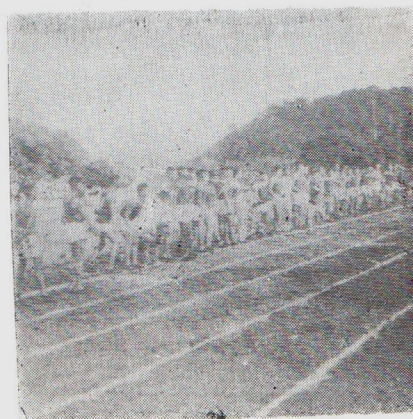


ATLETISMO

Reunindo nossos melhores atletas, foi realizado, sem alto índice técnico, porém com muita vibração, o nosso campeonato de atletismo que nas suas diversas provas apresentou os seguintes resultados:

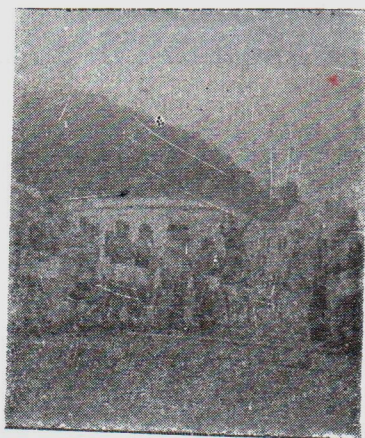
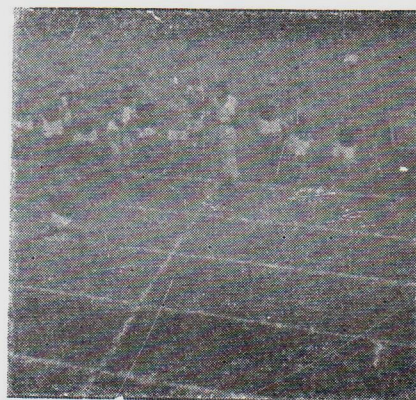
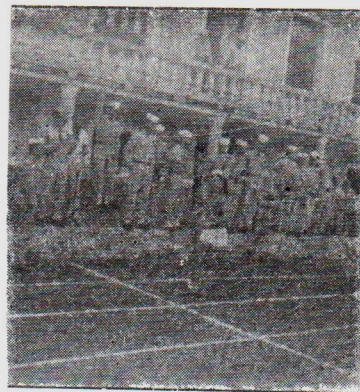
Campeã: 2ª Cia 160 pontos
Vice: 3ª Cia 123 pontos

- a) 83m com barreiras
 - 1º Moss 3ª Cia 13,7s
 - 2º Eduardo 1ª Cia 13,8s
- b) 100m rasos
 - 1º Célio 3ª Cia 12,1s
 - 2º Matos 2ª Cia 12,2s



ATLETISMO

- c) 200m rasos
1º) Célio 3ª Cia 26,5s
2º) Guilherme 3ª Cia 27,2s
- d) 400m rasos
1º) Matos 2ª Cia 59,9s
2º) Socorro 3ª Cia 61s
- e) 800m rasos
1º) Antônio 3ª Cia 2m e 26s
2º) Moss 3ª Cia 2m e 28s
- f) 4 x 100m rasos
1º) 2ª Cia (Benício, Sabóia, Tadeu e Matos) 51,5s
2º) 3ª Cia 51,8s
- g) 4 x 200m rasos
1º) 2ª Cia (Benício, Sabóia, Tadeu, Matos) 1m e 47s
2º) 3ª Cia 1m e 48s
- h) Salto em distância
1º) Matos 5,57m 2ª Cia
2º) Silvio 5,38m 1ª Cia
- i) Salto triplo
1º) Matos 2ª Cia 11,55m
2º) Malgueiro 2ª Cia 11,48m
- j) Salto em altura
1º) Cambiaghi 2ª Cia 1,55m
2º) Eduardo 1ª Cia 1,45m
- k) Arremêso de pêso
1º) Castro 2ª Cia 11,73m
2º) Malgueiro 2ª Cia 11,30m
- l) Arremêso do disco
1º) Castro 2ª Cia 36,50m
2º) Malgueiro 2ª Cia 34,55m.



ARREMÊSO DO DARDO

- 1º) Pedreira 3ª Cia 35,00m
2º) Eduardo 1ª Cia 33,40m



A Volta do pequeno Príncipe

Ary Miranda Monteiro Júnior

— Qual é o seu nome?

Voltei-me surpreso pois nunca poderia supor que longe da civilização no meio da natureza, entre um mar e um bosque, nunca poderia imaginar ouvir tal pergunta. Quem a fazia era um jovem, nôvo ainda. Ele viu minha surpresa e disse:

— Perdão, não quis assustá-lo, queria apenas conversar, mas como os homens só sabem aproximar com desculpas, arranjei uma: perguntar seu nome.

Diante de tanta inocência, eu começara a sorrir e a confiar naquele moço de voz clara e riso pronto. Era louro, pequena estatura. Sua voz revelava um certo desencanto, não próprio da idade. Pela areia fomos, ouvindo o chiado do mar e o bater dos galhos, fomos conversando. Falamos de música e o rapaz que me pareceu de grande sensibilidade, estendeu-se com desembaraço. Um seu conceito guardei:

— A música é o eco da natureza, é o brilho do azul é a profundidade do mar, a luz das estrêlas e o negro da noite, é a alma da vida, a poesia dos céus e a alegria das gentes. A música é tudo de beleza que se pode encontrar no Universo.

Falávamos da vida, à qual ele se referia, dizendo: “o belo sonho” ou então: “o suave cantar do infinito”. Amava a vida e tinha pena dos que se não apaixonavam por ela.

Ja se ia pondo o sol e as estrêlas mais adiantadas vinham surgindo entre os sangues do céu da tarde. Começamos a voltar e eu o convidei a dormir em nossa casa, onde uns petiscos de certo nos esperavam.

— Você está com fome? perguntou

— Mais ou menos. Você não?

— Pouca. Você não prefere sentar um pouco aqui na areia e conversar, deixando a comida para depois?

— Eu saí muito cedo. Preciso ir até lá.

— Então vá e volte rápido. A lua já vai surgir. Espero por você aqui.

— Está bem, até já.

Deixei-o e fui pensando quem seria. Não quisera perguntar-lhe diretamente, mas várias indiretas dirigi ao jovem e nada. Mas já resolvera, logo que voltasse, iria perguntar-lhe.

Ao voltar, já era noite e pareceu-me ver um halo circundando sua cabeça.

Deitado na areia, pareceu-me um apóstolo dos Tiberíades. Uma roupa estranha, que me intrigava, cobria seu corpo.

Sentei-me e disse:

— Fui depressa, não?.

Enchi-me de coragem e prossegui:

— Qual é afinal o seu nome?

Notei um tremor em seu olhar e êle, prontamente, falou:

— Ssshh!... Olhe lá!

O horizonte sôbre o mar, começava a clarear no ponto que êle me apontava.

Primeiro uma risca branca, depois uma forma mais concreta, que foi crescendo, crescendo, até se mostrar em todo seu esplendor. E a lua radiosa agora pairava sôbre o mar, e seu brilho nas águas vinha até nossos pés.

O misterioso jovem sentou-se, olhou-me bem de frente e com voz suave falou:

— Nome, não o tenho. Mas posso adiantar-lhe que sou daqui. Vivia num planeta pequeno, feliz com minhas flôres, com meus baobas, com meus vulcões e meus pôr-de-sol, até que resolvi conhecer o Universo. Rodei muitos mundos até que eu, por conselho de um geógrafo, criança ainda, vim parar na Terra. Caí numa planície imensa, de chão igual a êste (suponho ser um deserto) e andei. Vi rosas iguais às minhas, raposas até cativei uma, conheci um guarda-trilhos e uma pessoa que nunca mais, em todo o Universo, achei igual. Isto foi no fim, nos últimos dias do ano que passei na Terra. Êste homem me viu partir e chorou quando eu saí. Era noite, como agora, e como agora minha estrelinha estava bem sôbre nós. Na véspera eu avisara ao moço que era aquêle meu último dia na Terra. Foi com o coração pequeno que, no dia seguinte, acordei de madrugada e fui andando. Êle me alcançou, abandonando, onde dormíramos, o aparelho de que dependia sua vida. Esqueci de dizer que o aparêlho em que voava quebrara na planície e êle tentava consertá-lo quando eu apareci, pedindo a êle para me desenhar um carneiro. Continuamos andando. Anositeceu. E eu tinha que partir. No dia anterior eu já combinara com uma serpente que ela devia morder-me. Levaria meu corpo frio, parado. Seria mais fácil. Mas êle não compreendia e não queria que eu fôsse embora para o lugar de onde viera. A serpente, porém, foi mais rápida. Eu caí silencioso a seu lado e ainda me lembro de ter visto seu chôro e suas lágrimas caíram sôbre mim. Eu quase me arrependi. Felizmente já era tarde.

Corri outros mundos, outros céus. Conheci gentes, lugares, mas ninguém era como êle. Nunca mais senti o gôsto amargo de uma lágrima correndo por meu corpo exânime. E tempos se passaram. Eu senti saudades e resolvi voltar. Cheguei no mesmo lugar da outra vez. Rodei terras e terras e não tornei a encontrar meu amigo. Agora tenho que ir. Hoje, dentro em breve, eu irei para donde vim.

Por favor avise a meu amigo que eu não o encontrei, que eu não esqueci dêle. Pela amizade de êle me dedicou quando eu era mais nôvo, eu voltei.

Da outra vez eu disse a êle que olhasse para minha estrêla e êle ouviria naquela luz, meu riso, de que êle tanto gostava. Diga-lhe que o céu. Em algum lugar eu estarei rindo para êle e quando puder voltarei otura vez. Diga-lhe isto, por favor. E agora adeus, obrigado por tudo, por sua paciência e pelo recado que, estou certo, você dará. Olhe, minha estrêla é aquela e apontou-me uma pálida luzinha. Lá estarei, lá ou sôlto no céu. A hora chegou. Adeus...

Êle deu um salto e caiu na areia, que amorteceu sua queda e o ruído. E eu chorei... Dormi a seu lado, e ao despertar do cochilo, não vi mais seu corpo. Sob o sol da manhã fui andando para casa e me lembrei que certa vez lera um lindo livro. Pequeno príncipe era seu nome, Saint-Exupery seu autor. Contava fatos parecidos aos que o jovem me narrara e terminava pedindo que se alguém encontrasse uma pessoa com tais e quais características que o avisasse. Eu encontrei. Acontece que Saint-Exupery desapareceu pilotando seu avião durante a última guerra. Talvez êle tenha aproveitado para sair pelo Universo à cata do Pequeno Príncipe. O fato é que eu faço um pedido, semelhante ao de Antoine: "Se alguém encontrar um jovem louro, vestido de uma maneira esquisita, com uma conversa misteriosa e cheia de mágoas, pergunte se êle é da Terra, se não fôr, por favor, avise-me. É o Pequeno Príncipe que volta".

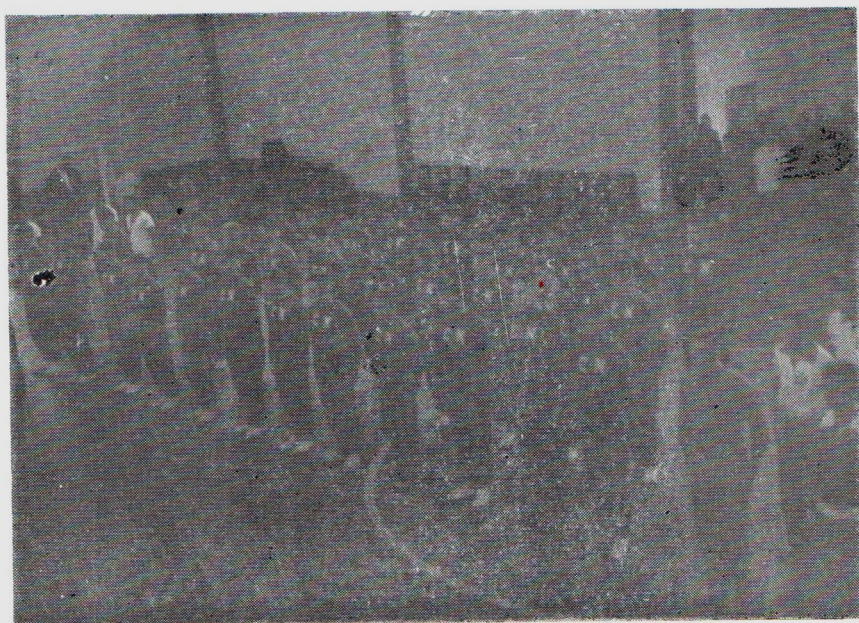
(Enxertos do original do livro do mesmo nome: *A Volta do Pequeno Príncipe*).

XII Aniversário do Colégio Naval

O cenário é uma maravilha natural. O azul límpido do mar tranqüilo contrasta com o verde-escuro da montanha no fundo da enseada. Céu claro, manhã luminosa, brisa suave e o marulhar das ondas completam a paisagem ideal. No, centro, encravado entre o mar e a montanha, ergue-se um casarão encimado por uma tórre antiga. A tradição o consagrou como o «Velho Barco». Nêle entretanto vive uma criança. Seu nome: Colégio Naval. Jovem na idade, precoce no pensamento completou a 15 de agôsto, doze anos de existência útil à Marinha e ao Brasil.

Data tão fundamentalmente importante exigia comemoração marcante. Movimentaram-se oficiais e alunos, prepararam-se as equipes, engalanou-se o Colégio num azáfama crescente. Ultimaram-se os preparativos para a recepção do convidado especial: o Colégio Militar do Rio de Janeiro.

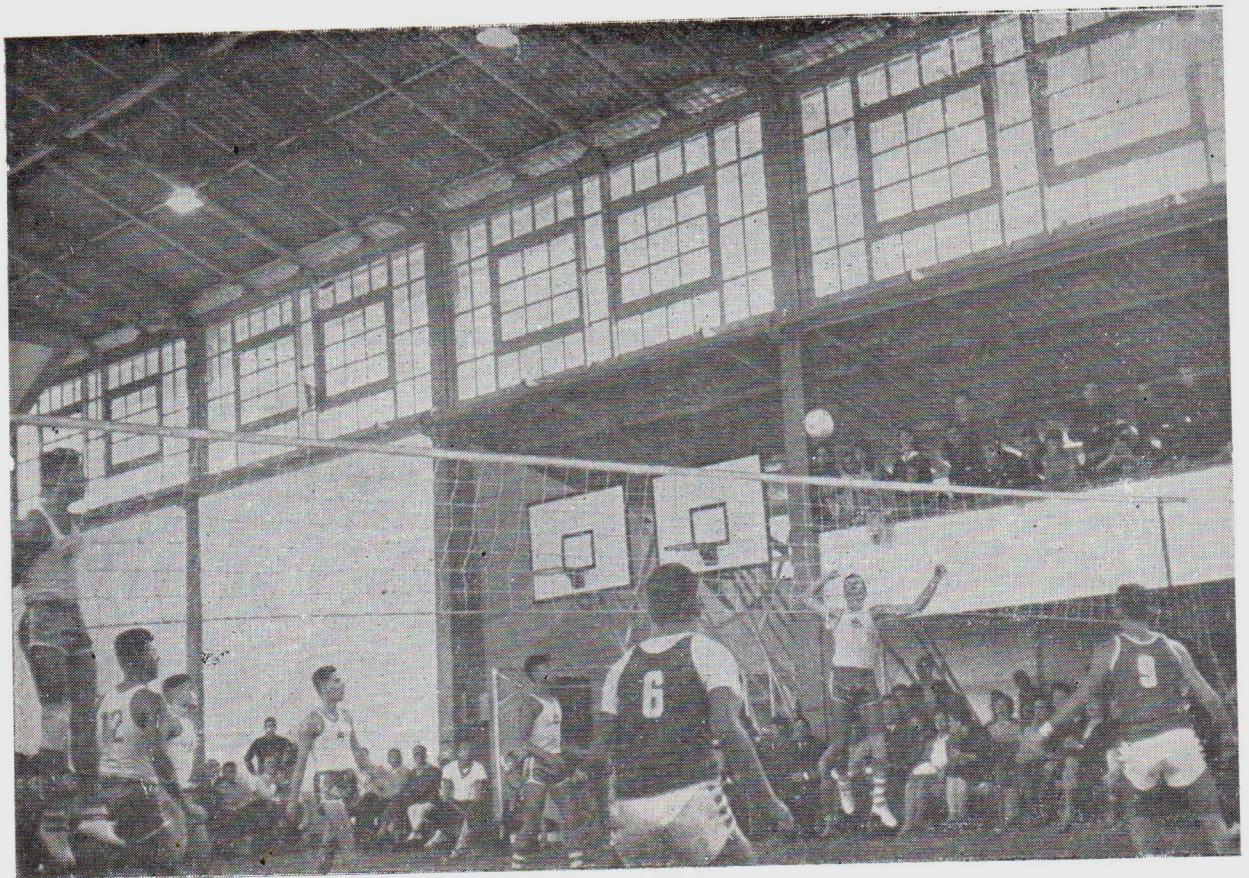
Logo, a camaradagem reinou entre os irmãos de ideais. A amizade e a disciplina de que eram portadores vieram dar um brilho excepcional às disputas esportivas e às demais comemorações. Jamais às disputas acirradas faltou o espírito de competição.





B
A
S
Q
U
E
T
E
B
O
L

Photo by [unreadable]

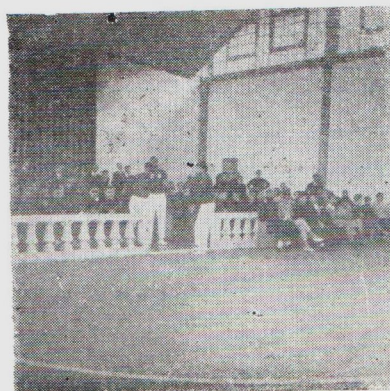


Desafiavam-se sadiamente as torcidas em improvisações pitorescas. Vários eram os versos e as rimas. Hinos, cartazes, gritos de guerra, aplausos, eram o resultado do entusiasmo geral.

Vencedores no basquetebol em peleja sensacional, perdedores no volibol em luta emocionante, iguais no futebol de salão em partida dramática, dividimos com os valorosos competidores as honras de um empate digno.

Ao visitante coube, portanto a taça XII Aniversário do Colégio Naval. Diria o Comte. Blower: "A Marinha nunca perdeu em boas maneiras"...

A noite, o grande baile, e a exposição de modelos de navios completaram as comemorações. Esses acontecimentos contaram com a presença dos oficiais, alunos e seus familiares, da comissão do Colégio Militar e de várias pessoas da sociedade de Angra dos Reis.



O toque marcante foi o conjunto dos alunos que animou o baile.

Terminada a festa, voltou o Colégio à sua vida normal. Assim, êle entrou na adolescência. Tem ainda uma existência diante de si. O "Velho Barco" tem uma derrota a seguir e uma missão a cumprir. Velho no arcabouço, é mōço no espírito e vibrante na esperança.

Colégio Naval ! Levanta ferros ! Iça as velas ! Faze-te ao mar ! Aproa rumo ao futuro ! Segue o teu caminho vitorioso, até aqui trilhado com galhardia. Parabéns Colégio Naval.

O vento está a teu favor e o mar está tranqüilo. Teus filhos, marinheiros audazes, são os tripulantes heróicos e decididos. Tu estás fadado a firmar-te cada vez mais como um dos sustentáculos da Armada Brasileira. Continua a jornada para a vitória. Teu esforço não será inútil... Teus filhos não te esquecerão...



O aluno Ednildo, entrega a Taça XII Aniversário ao Oficial responsável pela equipe do Colégio Militar



Flagrante do baile



A mesa do Sr. Diretor

A D E U S . . .

Carios Alberto Briggs de Vasconcellos

Estamos a nove de março de 1962, o dia claro é ensolarado, no horizonte surge o Aviso, o velho Rio das Contas, trazendo uma nova turma que unida pelo mesmo ideal e pelas circunstâncias chega ao Colégio Naval. A princípio são apenas colegas, pouco se conhecem, pouco se falam. O tempo corre e a vida, esta incansável desagregadora, a tudo observa e comanda. Ela mesma que por um capricho, os reuniu trata agora de os unir, usando para isso seus agentes. O Colégio, as aulas, o rancho, o dormitório os problemas que êles enfrentam, as dores e as aflições, as amarguras e as alegrias que depois de algum tempo se tornam comuns a todos. Tudo é instrumento de união, de fraternidade. Os temperamentos se combinam e as afinidades se avolumam, e, como resultado dessa operação maravilhosa surge a amizade sincera, o espírito de turma o coleguismo enfim. E a vida a tudo assiste e sorri como que antegozando sua trama.

Logo ela lança sôbre êles seus instrumentos desagregadores, surgem as primeiras dificuldades, as desilusões e aquela fôrça do ideal vai pouco a pouco fraquejando dando margem às divagações e finalmente à dúvida da escolha. Aparecem as primeiras baixas e com elas as inevitáveis separações. Cada um deve seguir seu destino, não se pode fugir dêle: é a lei. E assim a vida que os uniu agora os separa, talvez para sempre.

Porém sua vitória não é completa, pois, assim como seu capricho os uniu e os separou, deu-lhes também, involuntariamente, a recordação, a memória saudosa, o passado, e se hoje estamos separados, em nossos corações aquêles tempos nunca serão esquecidos, nêles nossa turma estará sempre unida e irmanada. E é para vocês amigos que nos deixaram que volvemos hoje nossos pensamentos.

Ê, para você, Ache, eterna criança que com sua alegria e espírito nos fazia sentir mais jovens; a você Octávio, velho garrafa, gozador e brincalhão, mais sempre o amigo prestimoso e sincero; por falar em gozador, nos surge logo a figura agradável e engraçada do Moss já com uma piada de última hora, gozando o Miragaia — Arrego ai. . . —. Ê para você Faria Pereira, diplomata e observador que com sua habilidade e inteligência conseguiu levar avante nosso Ginja, tendo sempre como alvo o Stoll e seu piston afinadíssimo. Não poderemos aqui esquecer aquela figura que nos salta a mente; o Ednildo, nosso Comandante-Aluno, rapaz sério e estudioso, tratando a todos com aquela calma e presteza sempre tentando acalmar o Lassance em sua inquietude, e nessa seqüência chegamos ao Flarys. Como fala, sempre descontente e reclamando: — Arrêgo velha — !. Logo depois encontramos o Ary, com sua inteligência marcante nos discursos e versos enquanto o Hélio se exercita com sua ginástica diária, e por fim chegamos ao Ferreira, Parrot, o demo das mulheres.

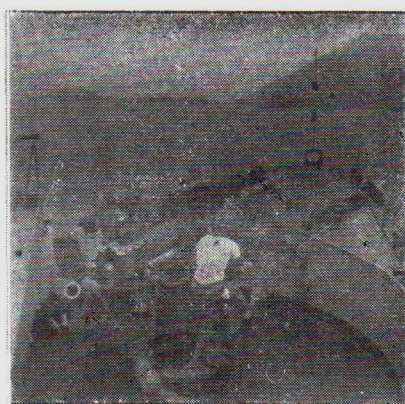
Enfim é para vocês amigos inesquecíveis que fazemos esta homenagem singela. Que ela sirva para estreitar os laços que nos unem embora separados, que ela sirva reviver em nossos corações um pouco de cada um de vocês, de seu caráter, e de sua personalidade lembrando-os com saudade por todos que ficaram.

Felicidades em seus novos caminhos é o que lhes deseja de todo coração a turma de 1962.

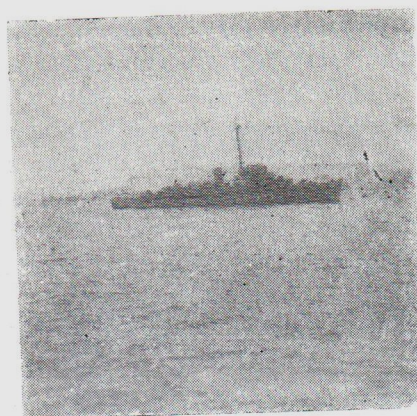
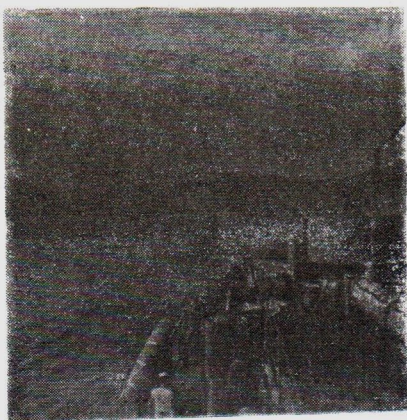
Viagens de Adaptação

CT. Edir Rodrigues de Oliveira

Após o término das provas finais, durante os dias 19, 20 e 21 foi dado aos alunos oportunidade de embarcar em três Contratorpedeiros que sob o comando do CMG Heitor Plaisant Filho nos levaram através da baía da Ilha Grande, fazendo exercícios diversos. Além de alguns «lôbos do mar» terem feito um fiasco quando os navios demandaram a barra, no resto da viagem transcorreu agradável com os oficiais de bordo levando os alunos a conhecer o navio e pacientemente respondendo às suas perguntas.



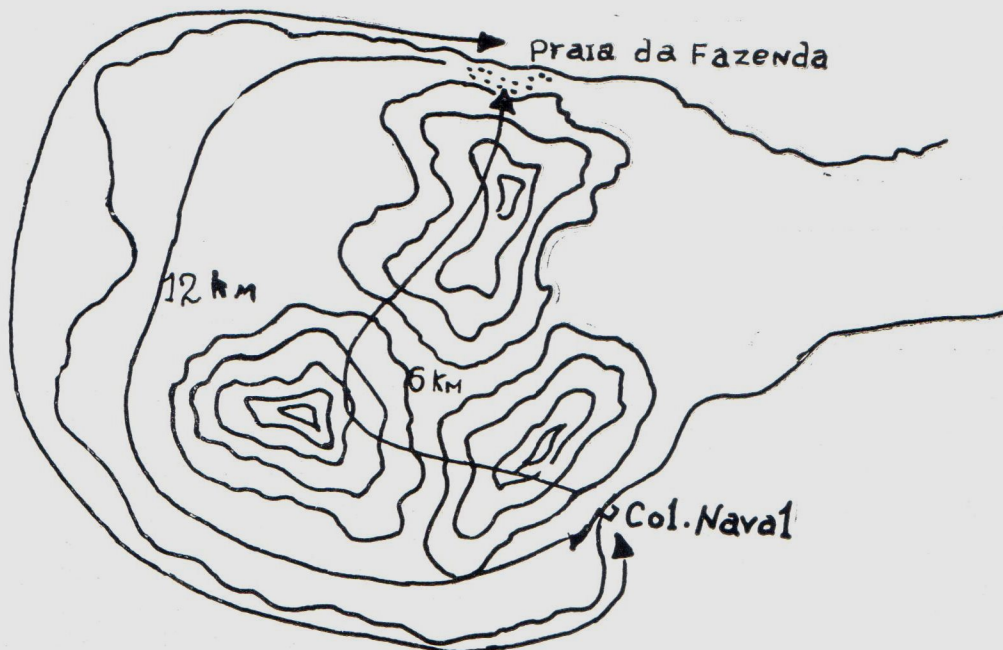
No último dia os Contra-Torpedeiros Bracui, Bauru e Baependi entraram em coluna, a fim de atingirem uma raia de tiro para exercício de tiro AA real. A novidade desse tiro é que os canhões de 76mm e de 40mm estavam guarnecidos com alunos do Colégio. Os mais «safos» guarneceram os grupos de pontaria e notava-se um certo nervosismo pela chegada da ordem de «abrir fogo».



Mas demonstraram que em pouco tempo foram capazes de aprender o que lhes foi ensinado.

O Ernesto enquanto ainda estava em pé conseguiu alguns flagrantes dessa viagem.

Operação Sací

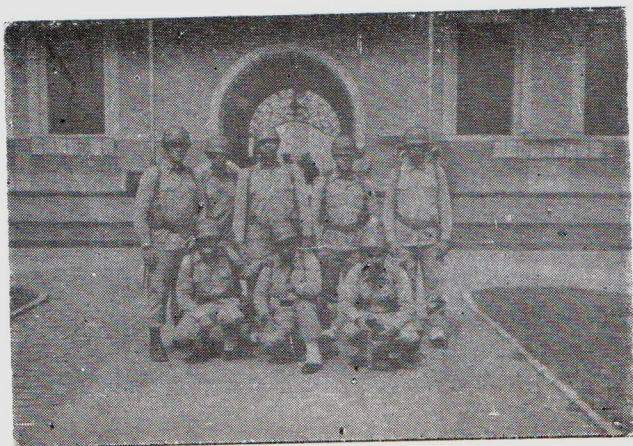


Por Terra

Nelson Luiz de Carvalho Souto

A noite caía envolvendo-nos em suas sombras, os mosquitos começavam a aparecer em nuvens mordedoras. A ansiedade em cada coração traduzia-se nas faces temerosas, nos gestos hesitantes. Passar a noite ali seria impraticável; não poderíamos contar com a mínima parcela de segurança e de conforto. Estávamos no alto de um morro, envolvidos pelo mato e tendo uma bússola e uma carta como únicos meios de orientação.

Aquêlê lugar hostil fôra queimado há alguns anos antes e as árvores que tombaram, entrelaçando-se, formaram um «solo» incerto que em alguns pontos elevava-se a quase dois metros do chão. O mato espinhoso cresceu insinuando-se por entre os troncos que apodreciam com o correr dos anos; os cipós firmavam essa plataforma o bastante para mantê-la no alto, mas não suficiente para agüentar nosso pêso. A cada passo afundávamos numa armadilha úmida e espinhosa, impossibilitando-nos de prosseguir. Se a escuridão da noite nos detivesse ali, não estaríamos numa situação invejável. Havia também o perigo as cobras que algumas vêzes surgiram em nosso caminho. Felizmente, até ali, elas fugiram mas...



Tudo isso começara exatamente uma semana atrás quando resolvemos empreender uma excursão à Praia da Fazenda. Os preparativos estenderam-se por tôda a semana; o planejamento foi estudado e resolvemos chamar a excursão de «Operação Sací».

Saci — molequinho esperto e matreiro que no mato nos guiaria e no mar alegraria os que remavam.

Era uma verdadeira operação anfíbia combinada e sentíamo-nos orgulhosos de sermos os primeiros nêsse sentido, no Colégio Naval.

Nós iríamos por terra num percurso de três Km através da mata agreste, de encostas íngremes; os outros, de escaler, para nos encontrar do outro lado, enfrentando o mar e a distância.



Éramos vinte e três: oito embrenhando-se no matagal em demanda da praia; o restante, atracado aos remos, navegava nas águas claras de Angra dos Reis. Todos ansiavam o encontro na Praia da Fazenda e o sucesso da excursão.

Se naquela tarde estávamos ali prontos para partir, fôra graças ao esforço de cada um e ao apoio irrestrito dos oficiais. Não fôssem os equipamentos fornecidos, os conselhos experientes e o apoio moral, nada teríamos conseguido.

13 horas do dia 31 de agosto de 1934 hora H — Partida. Primeiras remadas no mar, primeiros passos na terra. Primeiro pingo de suor, primeiras reclamações. Nada fôra esquecido; começávamos bem. A bandeira do Saci tremulava no escaler para nós que penetrávamos no mato, revê-la do outro lado significaria a vitória alcançada; para os do escaler, o símbolo alegre que os conclamava a continuar.

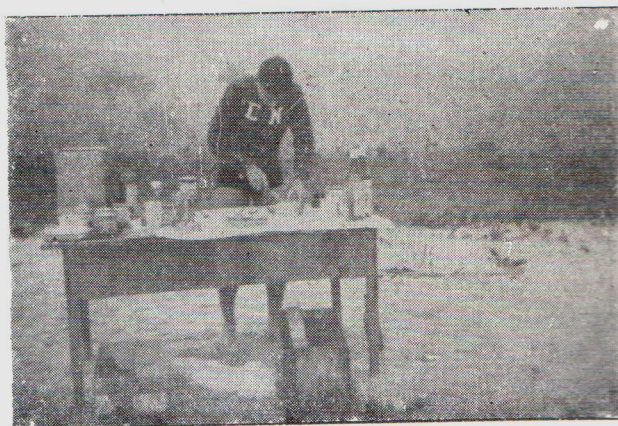
Seis quilômetros apenas, mas eram seis quilômetros em região hostil, na mata úmida, sob o sol quente da tarde. Ora o morro escarpado, ora os cipós e espinhos dificultavam-nos e mesmo impediam-nos a marcha. Foi uma progressão penosa; cada passo era pago com suor e cansaço. Iam-nos revezando no manejo do facão de mato, pois a fadiga apoderava-se de todos. Fazíamos alto de 10 minutos de 50 em 50 minutos, e aproveitávamos para verificar o rumo. No princípio, seguíamos a trilha já existente, mas depois, só mato, espinhos, cipós e mosquitos. A cortina vegetal que se antepunha a nós parecia não querer ceder ao nosso avanço. O facão batia,



cortava, cansava... A selva porém, rendia-se a nossa persistência e espírito de luta. Fomos penetrando naquele verde envolvente, sempre para a frente, para baixo ou para cima.

Nordeste — nosso rumo; seguindo a bússola, avançávamos. O sol descia pouco a pouco; a noite logo estenderia sobre nós seu manto de escuridão. Nôvo inimigo veio então aliar-se aos outros — o tempo. Se antes precisávamos vencer, isso agora tornava-se impossível. No início da marcha, havíamos nos afastado de nossa trilha com o intuito de verificar a possibilidade de desvio de um pequeno rio, que reforçaria os mananciais do Colégio. Cumprimos nosso missão, mas perdemos minutos preciosos que agora se faziam sentir.

Lá estávamos nós, cercados pela mata, aquela mata que nascera da queimada, aquela mata raquítica que surgira em lugar de outra, exuberante, e que parecia odiar quem a deformara — o homem. Antes, eram árvores que se elevavam para o céu; agora espinhos, árvores anãs, solo falso, que de repente se abria para prender-nos em seus braços úmidos. Os espinhos rasgavam-nos as roupas, os cipós tolhiam-nos os movimentos. Pisávamos em falso, quando esperávamos encontrar chão, caíamos quando precisávamos continuar de pé. E o sol, cansado de assistir a tanta luta, ia embora devagar, sumindo no horizonte, dando lugar a nôvo espectador, temível e implacável — a noite. Não desanimávamos porém, e continuávamos avançando. O chão cortava, os cipós caíam, mas surgiam outros para tomar-lhes o lugar. Árvores caídas, árvores que morriam, mas então, árvores cortadas, árvores cuja carne tenra indicava sua derubada, àquelas árvores não fazia muito tempo. O chão firmou-se era novamente terra que pisávamos. Dividimo-nos e procuramos com sofreguidão; o sol ainda viu o caminho que encontramos; teria sorrido, se pudesse; foi dormir sossegado. Nós porém, sorrimos por êle. Tomamos o caminho, zombando da noite. Lá embaixo, a praia; os caxangús brancos e o acampamento. Lá embaixo, o escaler e a vitória. Descemos correndo, e com o coração transbordando de alegria, chegamos ao acampamento. Vencêramos a mata, vencêramos o tempo; nossa alegria venceu o cansaço e um sorriso aflorou em nossos rostos quando abraçamos os companheiros.



Os últimos clarões do dia ainda iluminavam o Sacizinho que saltitava alegre ao receber-nos. Eram cinco e meia da tarde.

Ajudando os companheiros do escaler ultimamos os detalhes finais do acampamento.

Estávamos famintos, mas a fome foi dominada, e primeiro arrumamos o lugar onde ficaríamos. Armamos a barraca na praia, pois éra, onde se ofereciam as melhores condições. Não tivemos problemas de água pois havia uma fonte por perto; enchemos o camburão trazido no barco e depois de tudo pronto, preparamo-nos para o rancho; tudo correu em boa ordem, pois cada faminto controlou-se e esperou sua vez.

O céu estava nublado e nem uma estrêla aparecia para nos espiar. Nós, ali cansados, sentados ao redor da fogueira, conversávamos e lembrávamos os maus momentos passados poucas horas antes. Agora porém, aquecidos pelo calor do fogo, estávamos felizes. Até ali, êxito completo.



Durante a noite foi estabelecido um revezamento de serviço para que se vigiasse o acampamento e se mantivesse aceso o fogo. O chão duro não impediu um sono reconfortante e tranqüilo. As camas preparadas na areia eram como núvens para aquêles corpos cansados e ansiosos por descanso.

A névoa não cedeu, e quando o dia surgiu la estava ela ocultando-nos do sol. Assim que terminou o ranchão, partimos para uma praia melhor situada mais distante. Novamente acampamos. Poucos minutos depois, aquêles mulambos do dia anterior mostravam sua total recuperação, e a pelada que se jogou foi bastante disputada.

O sol, de vez em quando, arriscava um olhar, mas se escondia novamente por detrás da névoa. Talvez se espantasse com as caneladas. Alguns mergulhos, nenhum peixe. A água estava clara mas a região não era propícia à caça submarina. Sòmente alguns baiacús beliscavam os mariscos. A manhã passou rápida, e em pouco tempo ranchávamos e preparávamo-nos para o regresso.

13 00 horas — mochilas prontas; capacetes safos.

— «Vamos moçada!»

Desta vez seguimos pela estrada que circundava o cabo. Doze quilômetros, o dôbro do caminho de ida, mas terreno limpo, estrada quase plana; aquilo parecia brincadeira comparado com o que tínhamos enfrentado.

Havíamos, no dia anterior, chegado depois dos companheiros do escaler e desta vez, queríamos descontar. Fomos o mais rápido possível, sem deixar porém, de apreciar a vista maravilhosa que se oferecia a nossos olhos.

O escaler, lá em baixo, avançava, e nós prosseguíamos em cadência acelerada. O chão ia passando, as curvas ficavam para trás e cada vez mais perto o Colégio Naval. O cérebro de cada um trabalhava incessantemente; idéias, saudades. Quase não se falava, mas muito se pensava. E o chão corria sob nossos pés: êle para trás, nós para frente.

Colégio Naval, finalmente — 14,40. 1 hora e 40 minutos para 12 quilômetros, ótimo tempo. Chegamos muito antes do escaler que só apareceria algum tempo mais tarde. Estávamos cansados, esgotados mesmo, mas trazíamos no peito o orgulho da vitória. Orgulho que só alguém que vive a situação pode sentir. As gozações dos colegas vindas das janelas dos alojamentos, as brincadeiras do CT Alão, oficial de serviço no momento, não poderiam constituir melhor recepção. Aquilo encheu-nos de alegria, pois sentíamos-nos de nôvo no Colégio Naval.

No mastro, a bandeira tremulava. Olhamos para ela e sentimos o quanto poderíamos fazer em sua defesa.

-- Em continência «Um, Dois».

Marchamos para o portaló; estávamos exaustos, mas o orgulho que sentíamos traía-se em nosso olhar, orgulho de podermos dizer: Operação Saci — sucesso absoluto.

OS QUE LÁ ESTAVAM

POR TERRA

Nelson
Miragaia
Leal
Wolowski
Fontoura
Guedes
Juarez
William

POR MAR

Beda
Saboia
Medeiros
Santiago
Correia
Santos
Otávio
Farjalla
Gallo
Horta
Coelho
Lemos
Alcides
Rubimar.

POR MAR

Nelson Luiz Carvalho Souto

Segundo narrativa de Newton de Sabóia Salles.

Finalmente tudo pronto. O sol brilhava refletindo-se nas águas da enseada Batista das Neves.

“Remos a proa... Larga!” O escaler começa a mover-se, os ramos cortam o mar sereno formando pequenas ondas que deslizam sobre as águas.

Nossos corações vibravam de entusiasmo; o objetivo era único: a vitória, a chegada à Praia da Fazenda.

Seguindo um rumo previamente estabelecido avançávamos singrando as águas que contornavam o cabo. O sol não nos poupava e para cada trinta minutos de remadas ininterruptas, descansávamos dez. Mas o sol que queimava não respeitava essa trégua. As horas passavam, o entusiasmo aumentava a cada instante. Pensávamos em nossos colegas que naquele instante lutavam contra os perigos da mata. Pensávamos nêles e lutávamos contra o mar.



Finalmente, três horas e meia após nossa partida, chegamos ao tão esperado lugar. Era a vitória. Havíamos chegado primeiro, embora não nos importássemos muito com isso. Queríamos sim o êxito da operação. Estávamos preocupados com os “fuzileiros” que ainda não tinham aparecido. Muita coisa poderia ter acontecido, pois já ouvimos falar das dificuldades que êle encontrariam, confiávamos, porém, em seu espírito de luta e em sua vontade de vencer. Os minutos se passavam e o morro continuava morto. Êles não chegavam... Começamos a desembarcar todo o material necessário para o acampamento. De mão em mão, em fila, do escaler até a praia, levamos tudo o que precisávamos. E êles não chegavam... Os minutos iam-se tornando angustiosos.

Em dado momento, em contraste com a calma absoluta do local ouvimos uma gritaria vinda do morro. Cheios de contentamento surgiram os “fuzileiros”; haviam vencido também — havíamos todos vencido.

No dia seguinte, preparamo-nos para nova partida. Deixamos a praia às 13 horas junto com nossos companheiros. Nova separação.

“Até o Colégio o fim da jornada”.

Lá chegamos às 17 horas; desta vez chegamos depois. O que importava porém é que havíamos vencido as dificuldades e a OPERAÇÃO SACI constituira-se num verdadeiro êxito.

UM CONTO DE NATAL

Eduardo de Faria Pereira

(1º lugar no concurso de conto)

Véspera de Natal... O vento frio que varria inexoravelmente as ruas centrais da cidade, não impedia que casais, velhos e môços caminhassem agitadamente, ora passando em frente as vitrinas enfeitadas, ora fazendo suas compras para a festa comemorativa do nascimento de Cristo.

Os ricos ornamentos das lojas, as árvores de Natal enfeitadas, com luzes multicores, davam um quê de alegria aos passantes... A única nota destoante do quadro, era um garotinho franzino, que, enrolado em seus humildes andrajos, fitava encantado, um grande urso branco em exposição numa ofuscante loja da rua do Ouvidor.

Ninguém lhe dava atenção, e, até mesmo tropeçavam naquele pedacinho de gente parado, apenas na contemplação do ursinho de pelúcia. Tão esquecido da vida estava, que nem reparou na lata de amendoins que repousava ao seu lado, fria, já quase apagada a brasa dos carvões, resfriados pelo vento constante.

Quem, entretanto deixasse de lado seu egoísmo, e olhasse na direção daquela criança, decerto teria pena daquela figurinha andrajosa, com os olhinhos negros faiscantes de felicidade, e a boquinha pequena entreaberta, mostrando o branco esmaltado de seus dentinhos perfeitos, num ricto de êxtase e alegria... O mundo que o rodeava, deixava de existir para êle, tamanha era a concentração.

Foi com tristeza, que Robertinho, era êsse o seu nome, alçou a lata dos amendoins e andando a êsmo, os olhinhos voltados para o céu, sonhadores, tomou o rumo de sua casa, um barraco de madeira, d'uma dessas favelas tão conhecidas do Rio de Janeiro.

— «Oh moleque ! Vê por onde anda... Disse alguém, ao ser esbarrado levemente pelo menino.

Isto tirou-o de sua abstração, e ainda pensando no brinquedo, chegou à casa, montada rudemente sôbre a terra úmida e fria de um barranco escondido num morro.

Após a sopinha rala que a mãe lhe oferecia como jantar, pegou do lápis, pegou do papel e rabiscou umas letras quase ininteligíveis, pedindo ao Papai Noel, o ursinho que tanto o encantara.

Seus sapatinhos furados foram colocados a um canto do barraco e êle afinal adormeceu sorrindo, vendo em sonhos o urso de pelúcia. Sua mãezinha, enquanto isso lia e relia com lágrimas nos olhos o pedacinho de papel rôto e amassado.

Como se estivesse repentinamente hipnotizada, Maria, como se chamava, sem fazer ruído algum, saiu da habitação e pôs-se a andar pelas ruas frias da cidade.

Ao avistar o ursinho descrito, naquela mesma loja, antes, palco do deslumbramento de Robertinho, não hesitou, e como impelida por uma força superior à sua, estendeu a mão e arrastou-o consigo, numa corrida vertiginosa em direção à habitação.

Teve apenas tempo de colocar o brinquedo ao lado do filho adormecido e escrever:

— “Papai Noel chegou e foi com a mamãe procurar uma casa grande e confortável...”

E saiu à rua outra vez. Onde uma multidão já a procurava auxiliando o guarda que vasculhava a favela à sua procura

Algum tempo já se passou, e o menino, que ainda vende os amendoins para sobreviver, ao ser inquirido, responde com certa hesitação:

— “Mamãe foi com Papai Noel procurar uma casa bem grande para mim”.

Ironia do destino... Maria encontrou a tal casa, boa e confortável grande e rica, e encontrou mais: A paz por si tão almejada... Ela morreu no cárcere alguns dias após sua prisão, vítima de incurável pneumonia, e parecia sorrir na morte, certamente elevada com a visão de um Jesus menino, brincando com um ursinho branco de pelúcia...

Este conto da autoria do aluno Faria Pereira, foi considerado o vencedor do Concurso de Contos de 1963.



ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO



Roberto Makiolky Wolosky

Alvorada de 21 de dezembro de 1963, alvorada igual a dos outros dias, mas que na vida do Colégio Naval muito significava.

Era o raiar do dia em que mais uma jornada de estudos, diversões e trabalhos se findava e que o velho casarão da Batista das Neves com aquêlo aspecto austero e autoritário via partir mais uma turma que por 2 anos fôra a si confiada para que lhe fôsem ministradas as primeiras noções da difícil carreira abraçada.

Era um dia diferente. O movimento nunca apresentado nos outros dias do ano, a satisfação dos mestres oficiais e pais pelo dever cumprido e o júbilo dos alunos pela recompensa da proteção a Escola Naval, tudo isso caracterizava aquêlo sábado.

Várias solenidades estavam marcadas para o dia. No páteo interno a bandeira nacional e o pavilhão do Colégio foram incorporados ao batalhão escolar.

Após o deslocamento do mesmo à Av. Maques de Leão tivemos a passagem da guarda da bandeira e após a mesma foi feita a leitura da ordem-de-serviço correspondente a data pelo Senhor Diretor do Colégio Naval CMG Arnaldo N. Jannuzzi.

Em seguida foi feita a entrega dos prêmios aos alunos que mais se destacaram nas diversas matérias correspondentes ao ensino militar-naval e ao ensino-colegial bem como a de prêmio-olímpico ao aluno que mais se destacou nas atividades esportivas internas e externas do ano. Mereceu especial destaque o aluno 2 002 — Ruas que fêz jus ao prêmio “Honra ao Mérito Excepcional”, prêmio êste só concedido uma vez durante tôda a existência do Colégio Naval, em 1950.

A última homenagem do corpo de alunos do ano de 1963 ao Colégio foi feita logo em seguida com o entoar de seu hino.

Até então, portanto, eram só manifestações de alegria que se havia notado e que tão bem condiziam com a data. Era chegada porém a hora em que a lógica teria que ceder lugar à realidade. Com o coração embargado pelo natural sentimento de tristeza e ao som dos acordes do “Adeus à Escola”, a turma de 62, a nossa turma, desatava os últimos nós que a prendia ao Velho Barco.

Não era só o adeus à Escola que aquêlo momento significava; era sim, a despedida daquele que por 2 anos participou de nossas — «viradas» daquele que ouviu nossas queixas, daquele que ao nosso lado brincou, enfim daquele que conosco viveu nossa vida nesse espaço de tempo.

Portanto era nosso dever manifestar aquêles sentimentos que então demonstrávamos.

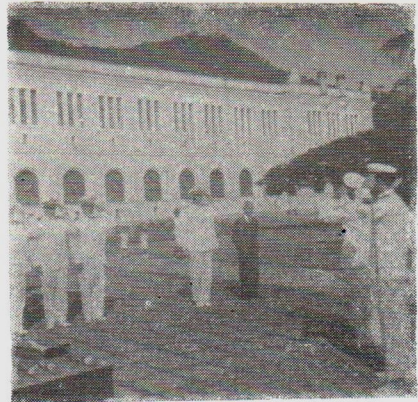
Hayíamos, com sacrifício e trabalho de tôda uma comunidade que formava a administração do C. N., atingindo o objetivo que nos foi dado a conhecer logo que aqui chegamos; éramos por fim a «Esperança da Armada».

Depois de tôdas essas solenidades aproximou-se a hora da partida. E então, num esforço de memória e acompanhados pelo último olhar, ao Colégio podíamos compará-lo ao pai que vendo os filhos partir para uma outra jornada, com a expressão altiva e orgulhosa, diz «Meu dever está cumprido, Êstes são os meus filhos».

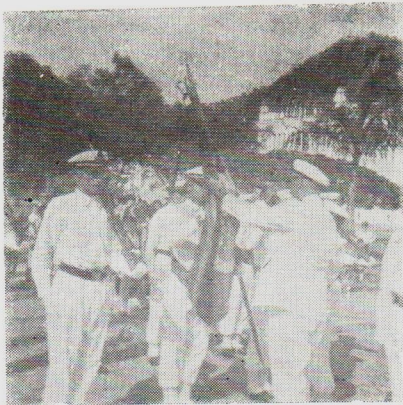
E assim encerrava-se o ano de 1963 e, como todos os outros que por aqui passaram, tivemos que pronunciar aquelas duas palavras que naquela hora traduziam todos os nossos sentimentos: “Obrigado C. N.”.



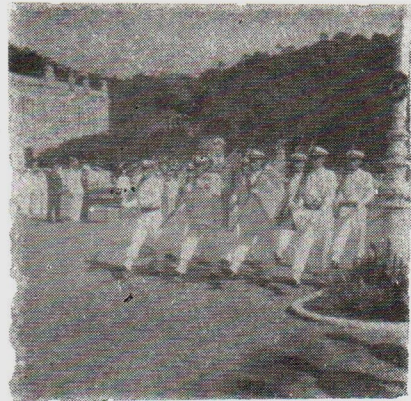
O Corpo de Alunos toma posição



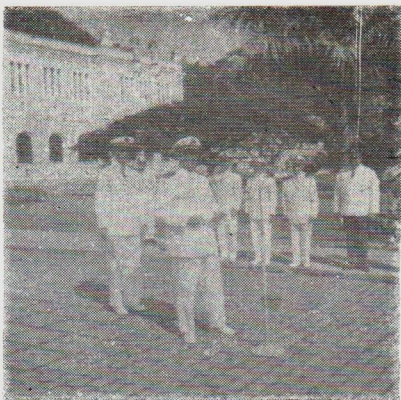
Recepção ao Sr. Diretor



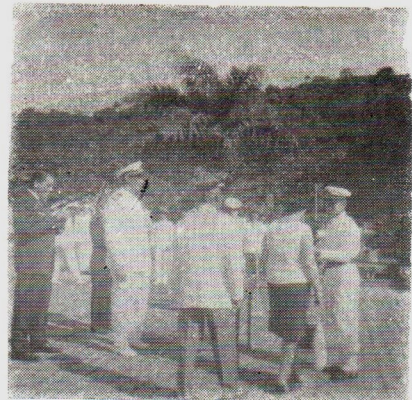
Entrega da Bandeira Nacional
à nova guarda



A nova «Guarda da Bandeira»



Palavras de despedida do CT (CN)
Herval Brasil, Capelão do Colégio



Entrega ao aluno Ruas do prêmio
Houra ao Mérito Excepcional,
pelos seus pais

Fim de Ano

Vitoriano Ruas de Barros Santos.

Parece-nos agora não nos reconhecermos naqueles rapazolas despreocupados do dia da partida para o que marcaria o início da carreira escolhida, nem sempre com o amadurecimento necessário, quem sabe, por curiosidade, ou talvez por uma aspiração dos tempos de infância?

O fato, (Velho Barco) é que aquêles rapazolas não sentem então o amigo hospitaleiro que tu nos parece nestes últimos dias de seu contato afável, aproximativo, compatível com os nossos espíritos jovens. Mas porque tudo isso, sim, porque haveremos de sentir falta de um lar que nos priva de tanto, que muitas vêzes não nos dá o confôrto com que nos acostumáramos, que nos obriga a uma rotina árdua e cansativa? Não, (Velho Barco), com o passar dos dias vemos que aquilo que vivêramos antes não era tudo e aprendemos a dar valor a certa coisa. Só no teu seio fazem bater mais forte os nossos corações. As alegrias e tristezas porque passamos juntos durante êsses dois anos, não as trocamos por nada: tantas brincadeiras, momentos felizes como a chegada de um licenciamento e momentos tristes como a despedida de um colega que resolveu trilhar outros caminhos.

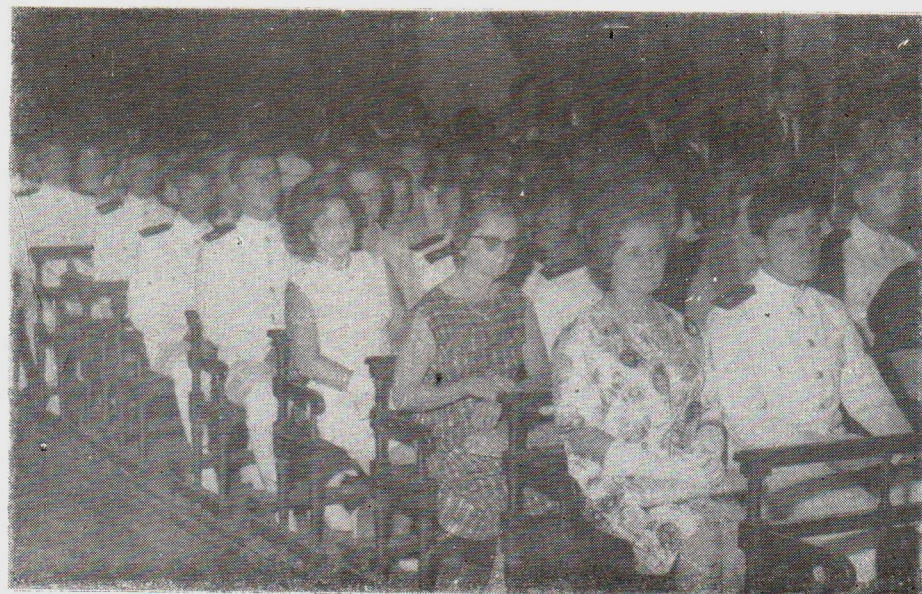
Agora podemos ver, também quão inúteis as queixas que certamente não nos saíam do fundo d'alma, mas que não eram senão uma tentativa indomável de justificarmo-nos porque abraçáramos uma carreira de sacrifícios havendo outras que nos acenavam com maiores facilidades nem sempre verdadeiras. Mas, é preciso repetir então, as sábias palavras de um nosso superior e amigo que nos aconselhou por ocasião de despedida: "Dinheiro algum paga um ideal frustado". Esta e outras são as verdades que nos devem servir de guia e que explica porque sentiremos tua falta. Sim deve ser por isso que nos sentimos diferentes agora, deve ser por isso que sentimos vontade de ficar mais um pouco, talvez concenter-te melhor, compreender como podes fazer tantos assim gostarem de ti e tu sempre imóvel, impossível a passar por tantas separações. Não queremos dizer mais nada, pois, emoções fortes como esta não se expressam por meio de palavras e aquêle nó não tarda a atravessar a garganta. Só nos resta esperar que possamos, nesta vida, desfrutar da mesma felicidade dêstes últimos dois anos. Mas, para que essa tristeza? Somos jovens... Para a frente... Viva a Marinha!

Missa em Ação de Graças

Ano letivo terminado. Férias, despreocupações. Dia 15 de fevereiro: apresentação à Escola Naval. Que sentimento grandioso, ali está a meta final, a última barreira; ali está a solidificação de algo místico e extraordinário. Olham para o céu e algo nos sucede. Sabemos que temos que agradecer, agradecer a vitória alcançada, agradecer o desejo satisfeito. Dia 21 de fevereiro. O Colégio Naval está aos pés de Deus, orando e agradecendo.

O Mosteiro de São Bento, igreja escolhida para a celebração da missa em Ação de Graças engalana-se para que transmitamos à Ele o reconhecimento pela graça alcançada.

As diversas autoridades da Marinha, representantes de Chefes Navais, uniram-se conosco na prece e na oração.



B A I L E D A Â N C O R A

Dia 22 de fevereiro. Ontem era a fé, o contritamento de oração. Hoje, a alegria, a jovialidade. A festa de cores e luzes.

O encanto de vista pelos vestidos longos, pela beleza, pelas primeiras, pelos primeiros votos.

Na Sede Esportiva do Club Naval, os primeiros acordes se ouvem, os pares se animam. Presentes à festa o Exmo. Sr. Diretor da Escola; Almirante Julio Xavier de Araujo S'Ilva, o Exmo. Sr. Chefe do Estado-Maior da Esquadra Almirante Luiz Gonzaga Doring, o Ilmo. Sr. Diretor do Colégio Naval Capitão-de-Mar-e-Guerra Hélio Marroig de Melo, oficiais do Departamento de Alunos, famílias, namoradas... todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que a festa fôsse realizada. O jazz do Corpo de Fuzileiros Navais no segundo salão contagia a todos. Fim da festa, são soltos os últimos elos materiais com o Colégio Naval. Na farda dos alunos, o lado esquerdo outrora vazio, agora envergará o espadim de Aspirante.



... OS QUE FICARAM

CT EDIR R. DE OLIVEIRA

Na mente dos ex-alunos do Colégio Naval, no seu apêrto de mão, quando transpõe os portões do Colégio já como aspirantes, nota-se a sua emoção, a sua saudade, a sua amizade e estima.

No entanto, nós que aqui ficamos, também temos êstes sentimentos, também sentimos a saudade do riso jovem, do espírito ainda inexperiente, no qual procuramos moldar a mentalidade daqueles que envergarão um dia os galões de oficial da Marinha de Guerra. Nêles vemos não só nossos subordinados, mas vemos que os que aqui conviveram, aqui tiveram suas emoções, que compartilharam conosco de seus receios de sua alegrias e de sua vibração. Confiamos nêles confiamos em sua vontade de progredir, em sua vontade de dedicar à Marinha e ao Brasil, quando forem chamados à consciência plena do dever, a sua vontade férrea de trabalhar.

Ê com o coração transbordando de esperanças, e com as recordações a nos trazerem saudades que os vemos partir.

Fomos até a ponte para a despedida do Aviso. Lá ficamos até o Aviso Rio das Contas desaparecer. Lá ficaremos em pensamento, formulando o último adeus e o "Até Breve".

Voltamos ao páteo interno. Agora não há movimento, agora há o silêncio nos alojamentos, nas salas, no rancho, nos salões. O impacto é grande, a emoção maior.

Vazio o páteo, vazio os locais em que habitavam, vazio na presença, cheio, regorgitante, na lembrança. Triste na saudade; alegre na esperança; saudoso na memória; confiante no futuro.

Felicidades, novos aspirantes. A Marinha em vocês confia, e a Nação tem os olhos postos em suas ações.

ÚLTIMA PÁGINA

... Eis então passados dois anos. Dois anos que foram apenas um momento em nossas vidas... Dois anos que se escoaram com a rapidez do pensamento que mal aflora à mente obscura, esconde-se nas lúgubres profundezas do esquecimento.

O «Rio das Contas» prepara-se então para a partida, apinhado de alunos e familiares com o destino ao Rio de Janeiro, e a banda explode nos acordes da Valsa da Despedida. Esta é a hora crítica, em que transportamo-nos para o passado tão recente e sentimos o coração parecer alargar-se desmesuradamente dentro do peito ofegante.

A banda executa, então, o Adeus à Escola, e o Rio das Contas começa a afastar-se, embalado carinhosamente pelas águas tranqüilas da enseada do Colégio. Em tôdas as faces, notamos o toque da nostalgia... Os olhos de todos estão úmidos, levemente brilhantes: é a saudade que chega... é a lembrança dêstes poucos instantes vividos em Angra dos Reis... é o adeus a alguma coisa querida, que talvez jamais tornemos a contemplar.

A ilha Francisca está ultrapassada, o silêncio a bordo do Aviso, é quase sagrado; todos estão mudos e as piadas tão freqüentes entre nós diferem esta partida naquelas de licenciamento.

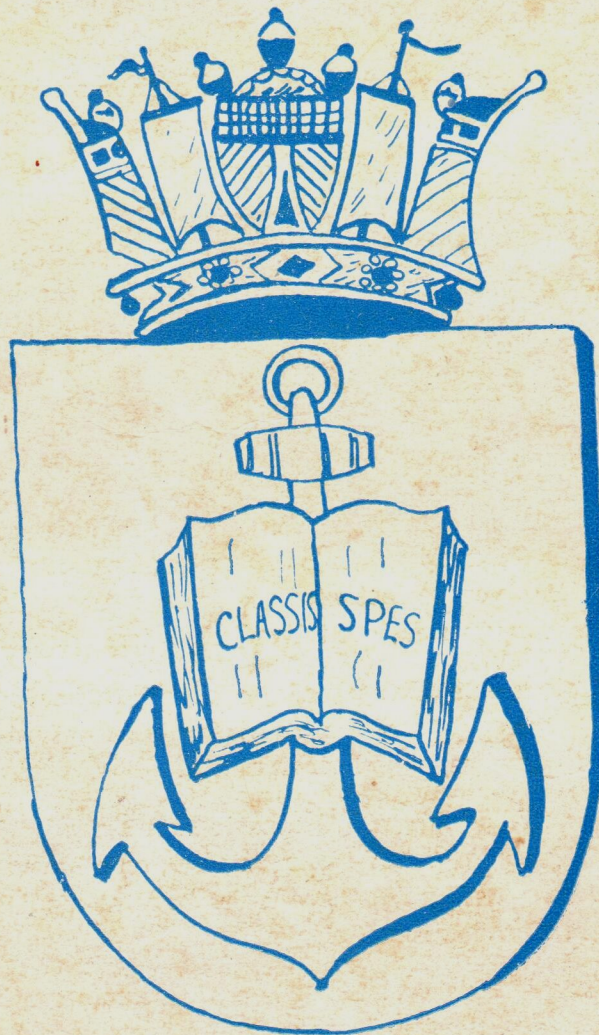
O “Velho Barco” diminui gradativamente e some-se ao cabo de alguns poucos minutos. Todos, entretanto, permanecem, os olhos marejados, na tentativa de vislumbrar algum pequeno traço entre as montanhas já distantes que indique algo do nosso Colégio.

Porém, nada mais é visto... Sômente o pensamento continua intacto, pousado sôbre a antiga construção encravada entre as montanhas verdejantes e o mar azul, e é êle que nos traz à mente os alojamentos, as salas de aulas vazias, o rancho silencioso e o pátio deserto, todos cobertos pela nuvem da saudade.

E é ainda, silenciosos na pôpa do Rio das Contas, que com os olhos turvos conseguimos articular num último murmúrio interior:

— “Adeus, Colégio Naval...”

JOVEM



O COLÉGIO NAVAL
O ESPERA